

Àlamo

Victor Mota

FEBRE

A tensão no ar gemia latente, quase lactente (no Brasil, latente...), nas ruas de Moscat, elas procuram nas lojas não sei bem o quê de compromisso com a evidência de um mundo tenso, prenhe, como um vulcão que está prestes a explodir. O tipo do café vira-me a cara quando estava para o cumprimentar. Gente agreste, que recebem com varapaus quem vem ter com elas. Ainda não consegui perceber esta mentalidade, cheia de emaranhados e nós, cheia de bêbados e ressacas e drogados que se encostam a cafés e bancos. Vou até ao aeroporto, sempre sózinho, bebo um café, no café bebo uma cerveja, dita imperial, volta grande foi dada nesse dia e regresso a casa prenhe também de sexo, mas pouco posso fazer senão ganhar como um cão cioso. Preparo-me para ler uns livros, continuar alguns que deixei a menos, uns, quase acabados, outros. Bebo uma cerveja mais, tenho um litro para consumir, depois também um Lambrusco rosé, para mais tarde, talvez, quando estiver cansado de caixão à cova, com o coração na veia a bater forte e dolorosamente na fonte esquerda... Dá-me ideia que vou ficando como os habitantes de Lisboa, a maior parte triste e deambulante, procurando conforto em corpos incertos e diversos, sempre insatisfeitos uns, aplacados e consolados outros. Dá-me ideia que, por ter estado tanto tempo vivendo só, tenho dificuldades em adaptar-me com alguém, ainda que essas pessoas seja bastante correcta e serena. Sim, talvez descreva apenas o meu quotidiano, mas enquanto escrevo este livro, vou destilando notas à mão que são, a meu ver, algumas sentenças sociológicas e filosóficas com algum fundamento etnográfico. Não moro eu em Lisboa? Por outro lado, não vi ainda ninguém barrar-me o caminho a propósito de grande coisa, ainda agora ouvi na rádio o Professor Ornatus, quero dizer, isto da tese tem muito de social, de merecimento social, ainda para mais em Filosofia, porque, afinal, o filósofo cumpre uma certa função social, bem como o cientista, por assim dizer. Sim, em certo sentido, a minha falta de entrosamento, ou sério entrosamento a mais, fazia-me sentir e comprovar teoricamente de que a acção do sujeito tem por relação e justificação não o Si-Mesmo, mas o Outro, ou seja, agir no discurso e na

acção, no sentimento, para agradar ao Outro, para desse modo nos sentirmos melhor connosco mesmos. Assim, a vida social é isso mesmo, um desfile de vontades, de forças e volatilidades, no sentido do homem se sentir aceite, comprometido, integrado. Todo o Ser humano procura isso, mesmo quando se fecha com uma velhota no átrio do prédio, todos descabelado e porco, cheio de mosquitos e moscas a pairar sobre a sua cabeça, isto é muito sartreano, mas a velhota entrou em casa e ele não saía do átrio, fechou-se lá mesmo, barricou-se, eu logo vi que era maluco, apenas queria atenção, como a grande parte dos sem-abrigo, não se importam de continuar nessa condição sem bem que tenha a atenção de alguém...

Por breves momentos, julguei que me estava arrastando entres estes diversos registos, desnecessariamente. Foi apenas uma dúvida. Eu nunca poderia ter sido acto, muito menos um bom actor. Adoro a violência da rua, o imprevisto, o desenquadramento, nunca fui muito do estilo vedeta, sou um homem de campo e do campo, ainda que seja profundamente cidadão. Por outra, não preciso de incentivos para continuar uma tarefa, faço-a mesmo em choro de abnegação, porque acho que é o que é certo para mim, comigo, por mim. Adoro o estranhamento do mundo, tanto quanto adoro o entranhamento do que é familiar. Por isso me tornei no que sou. Deixei de ser preciso e mortal num certo regime de mediania da bebedeira e baboseira, porque sei que a vida não é para mostrar, mas para viver. O peso é sentirmos o peso dos outros em nós sem que nada recebas, porque quando recebes entras no circuito e círculo vicioso. E não vives a vida. Quando tu estás num quarto fechado dias e dias, lendo coisas e escrevendo, argumentos, diálogos e tudo o mais, em favor de um possível cargo de professor e não tens cunha, embora sejas competente, começas a desacreditar no mundo que tens diante de ti, atrás de ti e à tua frente, porque, nestes tempos, não resulta do esforço o prémio, mas da conveniência e conivência política, porque a maior parte dos filósofos inventa sem fundamentos etnográfico algum, enquanto o cientista social é o poder e escreve uma prosa "sêca". Começas a pensar que mais valia zarpar de carro e viver a vida, esquecer tudo, em vez

de investir numa coisa que não te dá sustento e que parece ser uma hercúlea tarefa para que sejas imortal. Não queiras isso, a vida não é isso, é momento, por mais que te custe a ti e aos outros. Tenho um certo receio de me afastar da casa porque lá está o computador (do pequeno, cheio de falhas no sistema) e a possibilidade de continuar este livro. Sorvo um cigarro, sem saber o que fazer, um pouco bêbado, oiço a merda de uma canção, pensando, estas meninas putas são mais lamechas do que nós nos anos oitenta. Eu explico: nós andávamos milhas e milhas, bares e mais bares e nada acontecia, tínhamos de ser nós a fazer a festa. Hoje em dia, estes jovens têm sexo a mais e, mimados que são, adoram quem lhes dê amparo e orientação. Noutros termos, em linguagem futebolística, são levados ao colo.

Olha o Colinas, que mal sabe escrever o nome e o discípulo doutorado que anda atrás dele a todo o momento, apesar de ser gay. Sim, fiquei pensando nesses tipos, o Colinas, o Danny e o Tipóide, embrulhados numa ideia de aldeia que nem sequer concebiam, sem grandes perspectivas, resistindo a qualquer coisa, desistindo de qualquer, sem sentido nenhum na vida. Tentava esquecê-los e até ir a Riachos de novo, mas como tinha os meus pais por lá, eram mais complicado.

Lembrei-me que o criacionismo de Bergson fazia muito sentido nos dias de hoje, ou seja, há qualquer coisa no homem que o puxa para cima, como que além da matéria, digo eu, como se fosse uma exalação do corpo e do espírito, que ora concorre para se entrecruzar com outros espíritos ora embate num muro sobrenatural do qual ninguém quer saber, mas percorre o seu caminho. De modo que, nesses dias, sabendo que tinha comigo várias obras do Padre Chardin, lia a *Evolução Criadora* com afinco.

INSTABILIDADE e FERVOR

Mais uma vez, como se não bastasse a questão negra, na América um atentado contra hispânicos. Sim, talvez os governantes não vejam bem a utilidade da antropologia, senão seriam menos sensacionalistas. Eles e elas. O conhecimento cega, a sua má utilização mata, só a ilusão dá felicidade. Suponho que os meus livros só serão lidos quando sair deste circuito, entre Lisboa a Riachos. E como farei isso? Isso e o azar com as mulheres, sempre falando de mim, não bastava ter tido os problemas psicológicos que tive, vários anos afastado do mundo (o que quer que isso seja), sem trabalho, sem grandes comunicações e dinheiro, digamos assim. Quase toda a minha escrita revela esta "condição de azar", o que não queria de modo algum, como se não conseguisse fugir desta espiral ou tivesse medo de ser feliz. Esperar, esperar, esperar. Era tudo o que eu tinha de fazer. Depois, não percebia o que é que uma atriz e um actor tinha a ver comigo, comn a minha irmã, juntamente com Fenzeira... Cansei de dar crédito à literatura. A literatura não está aqui, embora isto seja um inferno.

Não esperava fazer nada de muito extraordinário com a minha vida, ainda mantinha o sonho de ir à América e por vezes fechava-me em mim mesmo em energia, gerindo e gerando a minha energia da melhor forma que podia e mesmo no metro me sentia por vezes um "bicho esquisito", tanto em comportamento quanto em aparência, barba de seis dias e cabelos descabelados, como em paris, no outro dia, resolvi prontificar-me e pontificar-me a escrever, continuar a escrever, talvez apenas como modo de sobrevivência psíquica, quase territorial. A chama de outros tempos estava agora branda e eu deambulava pelas ruas de Lisboa quase peerdido, encontrado nos cafés e nas vontades, na admiração das pessoas face à minha fisionomia. Era eu e o mundo, decidi não puxar muito mais. Até ver a pessoa que vi hoje, uma bela ruiva irlandesa, seios redondos e grandes, vestido de dona-de-casa, andava com ardor de encontrar alguímém. E...aí, caíu-me qualquer coisa ao chão... Mas não me confundi com nenhum dos grupescos que por cá habitavam, pululavam, nunca fui disso, não

era agora que seria, aliás, consultei o email na Faculdade Velha e, estando quase a receber, tinha vontade de ir até Riachos ter com a minha mãe, senti que estava escrevendo qualquer coisa do âmbito de James Joyce ou de Proust, de Dostoievski, mas não liguei e continuei. A minha obra era agora singularmente filosófica e literária, a uma voz. Perdera para sempre os diálogos, porque lutava entre ter para mim para sempre esta cidade ou nunca mais ter dentro do meu espírito. O povo continuava arfando, nervoso, dava a ideia que todos queriam foder com todos numa foda sem par e eternamente consolidada pelos golos do Bas Dost e do Rafa, do Jonas, que já fora ido, e do Pizzi ou do Svilar, as defesas do Ferro e do Mathieu ou do Coates, do Danilo, os golos de meia distância do Rui Fernandes, agora que já tinha ido em boa vida o Félix, porque o Mourinho talvez estivesse esperando que Santos deixasse o lugar e quem sou eu para sugerir isso, que embora tenha jogado andebol e futebol em pequeno, em grande só fiz alguma corrida, com bons lugares enquanto júnior. A maior parte das pessoas que conheço acabam por fenecer na subjectividade delas mesmas, secas, fartas de fumar e de droga, atreitas aos condicionalismos da puberdade tardia, ou seja, o jogo da sedução e formigueiro na crica a que não conseguem resistir, podia dizer nomes, depois têm um filho ou dois, talvez três e tornam-se pessoas sem chama, sem interesse. Apenas cumpriram, mais do que os parâmetros da biologia, os da antropologia, ou seja, são tipas absolutamente normais e sem interesse algum, seja literário seja filosófico. Cheguei a um ponto em que podia dizer "vocês que estão sempre a criticar fiquem na merda que eu vou embora daqui".

ÊXTASE E BEBEDEIRA REVERBERADA

Eu tinha razão, foram os portugueses que começaram isto tudo, esta febre e irritação da globalização, primeiro geográfica depois, obviamente americana, a da internet. Mas foram os portugueses que começaram, eu sentia isto nos turistas que vinha cá, como se sentissem estar, seguramente, no princípio do fim do princípio do mundo, ou seja, uma certa dose de felicidade era ainda possível aqui, ao contrário de Nova Iorque, onde as doenças proliferavam. E eu estava assim, tirando ilações sociológicas a partir de ilações filosóficas. Estava em casa, não sabia bem o que fazer, aliás, acho que a maior parte das pessoas não sabia bem o que fazer, o sexo era um lenitivo, um entretém, um pretexto, uma forma de integração, mais ou menos social. Sim, o que o ser humano procura é integração, mas não está muito disposto a críticas, por isso é complicado e relativo. As aldeias portuguesas, como as espanholas e italianas, fornecem um exemplo distinto das nórdicas, onde a mentalidade é modelada não já pela religião mas pela ecologia, ou seja, o respeito pela terra, pelos ecossistemas, o sistema de vida em que estão envolvidos. Entendo que o jogo da qualidade de vida e do sistema perfeito da felicidade cause náuseas de tão perfeito que é, mas eu sou mais feliz por aqui do que seria na Noruega, além do mais não percebo as norueguesas, mais depressa percebo as americanas.

NHA TERRA (Minha Terra)

Sim, estava demasiado concentrado para ter ideias sobre outros personagens, nem sabia mais se isto seria um romance, o preenchimento de um espaço em branco para destilações filosóficas ou o que mais, um género inventado ou não. Por vezes lembrava-me de coisas mais ou menos fundamentadas para não se aproximarem de mim, mulheres e homens e pelo criticismo feroz da minha mãe e irmã. O título do livro "O Homem faz-se a Si Próprio" pareceu-me adequado, a mim e a toda a restante humanidade, enquanto antropólogo. Custou-me ouvir certos comentários de Irene e Estêvão, mas, não baixando a cabeça, engoli diversos sapos em seco e, dada a minha condição de dependência, fui acalentando a ideia de não me desviar da filosofia e preparar-me para estar alguns anos mais entre a aldeia (a ideia da aldeia) e a cidade (o movimento pendular da cidade), ainda que saem grandes distrações e aventuras. Versifal pensava agora onde iria acabar o resto dos seus dias, ainda que tal fosse mais ou menos longe do ponto onde estava. Decerto que não seria na aldeia do seu pai. Sofrera demasiado. Humilhações constantes por parte dele, da mãe, do irmão e da irmã, de outros, sem contar. Ainda sofria humilhações na cidade onde vivia, vindas de todos os lados. Não era cantiga. O facto de as mulheres não se aproximarem mais dele e não quererem a sua companhia, por mais que ele se esforçava, fazia com que alimentasse um certo espírito de vingança que advinha de deixar esses lugares e permanecer de certo modo entre eles, como um pêndulo, sem jamais pertencer, o que o poderia fazer privar da sua liberdade. Talvez um dia a América. Mas já nem a América o merecia... Depois de ter dedicado quase toda a sua vida à escrita e à filosofia, era agora questão de viver... Já vira tudo aos quinze anos. Agora queria descansar, fazer coisas diferentes, divertidas. Podia-se dizer que não tinha vivido a vida. Mas ainda era tempo. Não estava preocupado na cena de Grieg da imortalidade,

apenas queria viver, amar, trabalhar, fazer o que todos fazem. O que os bichos fazem. O que as plantas fazem. Conhecer mais a natureza, ouvir mais música, provavelmente estar mais afastado das pessoas e mais perto da natureza. Aprender gastronomia e muitas outras coisas. Ler bons livros. Namorar, ir à praia de noite, passear pelo pinhal. Afinal, estava louco, não era? Ele reparava, naquela ideia não tinham a ideia correta sobre ele e ia esquecendo Lérída e Pombais, porque nada lhe diziam. Mas também vivia esquecido em Lisboa. Ninguém o convidava para nada, nem um programa de rádio, nem um jornal, escrito ou online. Para nada. Para tudo era preciso amigos e conhecidos, interesses. Enfronhara-se na Filosofia e isso lhe trouxera o esquecimento. Agora estava cansado. Queria dormir, beber o resto da última cerveja do dia e dormir...Anos e anos a esgotar-se a si mesmo e aos outros, puxando por eles, em nada se haviam transformado. Parecia ter sido reduzido a cinzas ou a uma cama onde um corpo ainda belo descansava, desejando ainda, arfando ainda...Num tempo em que as pessoas faziam esforços inacreditáveis para não ficarem sózinhas, frágeis que eram, como se tivessem medo da morte, Versifal entregava-se voluntariamente à solidão, como se preparasse o sexo, como se estivesse de jejum físico e espiritual face à posse de outro corpo, ao convívio com outra alma...

UMA REVISTA

Sim, talvez a minha escrita não interessasse ao tempo em que eu estava a viver... Acordei sobressaltado nesse dia de verão, a meio de Agosto, pensando que era, de novo, Victor d'Aveyron, "L'Enfant Sauvage". Isso explicaria o mau tratamento por parte dos meus, a toda a hora; por mais que eu fizesse, nada servia, de nada servia. E as pessoas, nas ruas de Lisboa, olhando para mim à minha passagem, dizendo "é ele", "eu sabia que era ele". Mas o filme é, simplesmente, anterior ao meu nascimento... Talvez houvesse mais Victores por aí, eu sabia que haveria, certamente, aqueles que pouco se adaptam à cultura e ouvem as vozes dos outros, falando dele, de um lado para o outro, de todos os lados, não tendo descanso algum em lado nenhum e nem sequer teria a ver com a ideia de finitude, ele sentia-se ameaçado, acossado, sem que alguém fizesse alguma coisa por ele ou o interpelasse diretamente. Talvez fosse o último lídimo representante da passagem do estado de natureza ao de cultura, quando os outros estavam num ou noutro sem terem menção disso ou estavam num estado de cultura que mais parecia a barbárie... Mas, ainda assim, eu acho que os portugueses descobriram o segredo da felicidade e não dizem nada a ninguém. Isso é que enerva muita gente. Sim, andava aflito em como fazer certas coisas e como lá chegar... Nesse dia, revoltei-me por dentro contra o meu primo, que não o era na verdade e tive condescendência para com o meu pai, que, tendo casado com uma espanhola, não havia chegado a presidente da junta. Outros se haviam aproveitado dessa condição. O meu irmão nem pensava nestas coisas, para ele estava tudo bem. Para a minha irmã também. Eu fervia com isto tudo: o chuto do meu pai no rabo quando descobrira que fumávamos às escondidas, o chuto do meu primo, que nunca me havia pedido desculpa. Um aldeia que me metia nervos... Afinal de contas, entre estas e outras coisas, se ninguém me dizia nada, que haveria eu de pensar?...

CAMINHO ÍNDIO

Depois, descobri que os meus sobrinhos do lado de Jainita, o mais velho ainda não havia casado, estava como eu, enquanto o mais novo já tinha dois filhos. Eu não podia continuar, era contrário à minha saúde, mas a minha natureza era não parar, animava-me o movimento prazeroso do pensamento, aquêm e além dele mesmo. Não sei bem porquê, Manuel João Vieira. Os filhos dos meus irmãos reproduziam fielmente a relação que eu tinha com eles, os da minha irmã reproduziam a relação que eu tinha com ela, desde pequenos, sempre às turras mas com uma relação quase telepática ("telepátipa?"). Os do meu irmão reproduziam a relação que tinha com ele, desde pequeno, sempre competindo um com o outro, eventualmente para ver quem era o melhor, acabando quase sempre eu mesmo por dar a mão à palmatória. Entrei na cidade, aguardava por algum dinheiro, a fome roía. Fumava ainda um cigarro em casa e acabava com o café, talvez de vez (em quando). Sim, ainda em 2018, reconhecia no som dos Erasure uma espécie de Salvação, talvez mais do que Cristo, em que eu era o selvagem mais requintado e o mais requintado selvagem da cidade, ainda ouvia esse som, talvez apenas como fonte de inspiração para o que eu andava a escrever. Era duro. Não estava a ter prazer algum. Era demasiada dor. No entanto, eu continuava, prosseguia nessa selva que mais parecia um tufo de pêlos inexistente...

Nesse momento percebi que era o maior escritor de sempre e o melhor antropólogo e filósofo de sempre. Pelo menos no meu tempo. Por isso elas não se aproximavam de mim... A mulher quer que o homem faça tudo por ela porque na vida prática ela faz, muito menos na vida intelectual, o homem acaba por fazer tudo, ela tem duas profissões, a de dona de casa e empresária, portanto já não pode dar amor, é egoísta, porque vive do mito de ser submissa, porque sempre o quis ser. Era fácil derrotar o homem, a sua lógica é a da batata, pobre da mulher que acredita nela. Cada vez mais a ideia de um complô contra mim ganhava consistência, as miúdas não se aproximavam e isso me parecia muito estranho. Eu não queria domar a realidade, mas acabava por fazê-lo, em certo sentido. Mas não apenas ao meu favor. Estranho

mundo, estranhas e bacôcas mulheres, estas. Preferia as islandesas ou irlandesas...

IMPRESSÕES AVULSAS E DESORDENADAS

O dia abriu-se ao mundo. Era já quase hora do almoço. Embora tenso, arranjei tempo para não ficar em casa matutando e ir ao supermercado, ainda que tenso, mas ao mesmo tempo também descontraído. Via um pouco de televisão e nela os problemas dos africanos em ter habitação condigna. Não podes tratar os negros como um todo, até certo ponto. É outra mentalidade. Mas a origem africana está nos genes do português, ainda que muitos queiram disfarçar isso. É caso único na Europa, ainda por cima misturado com celtas e árabes. Comecei a preparar as coisas com uma miúda de Setúbal que vinha jantar cá em casa. Sorvia uma certa cerveja, havia telefonado à minha mãe. Suponho que o velhote lá estaria entretido com as suas coisas. Tinha que me aguentar.

Os flashes ocasionais eram terríveis, era afligido por penamento e imagens que me punham abaixo a todo o momento. Seria a esquizofrenia a aproximar-se? Não podia crer. Não me sentia bem em casa, nem na rua, ainda assim, tentava levar as coisas para a frente. Tinha de ser, não podia desistir de nada. Sobretudo porque havia gente que não havia desistido por mim. Já não estava tão triste pela falta de empatia dos diversos professores e até colegas que havia conhecido. Procurava estar tranquilo, calmo, correspondendo às mais diversas *sensatio*. O certo é que eu estava cansado, cansado de estar em casa, cansado do triângulo Aeroporto-Baixa-Oriente. E nervoso, também. No entanto, as coisas faziam sentido... Depois de ver um pouco de televisão, atentei na nova versão de *Apocalypse Now* e fui ver quantas páginas teria "O Coração das Trevas". 120...está tudo dito. E o cansaço abatia-se sobre mim, enquanto procurava dormir uma sesta. Sim, nessa tarde senti-me bastante mal; senti que não tinha amigos, que não podia falar com ninguém, que ninguém me podia valer. Saía do WC e ainda ficava a pensar nisso, no espaço reduzido da casa, onde ficara dois dias

seguidos. Tinha um encontro como uma pessoa e não sabia como iria correr. Estava triste, desalentado e deprimido. Mas cansado, mentalmente, acima de tudo. Muito cansado. De tentar, de procurar, de conseguir. Entretanto, ficara em casa, fazendo umas limpezas, fui ao supermercado e não comprei a usual garrafa de vinho e outra de cerveja, apenas duas minis, que seria uma para a minha companheira de casa, que bebi durante a tarde. A noite fora terrível: alucinações, suor em bica, pensamento intrusivos de toda a ordem e linha. Pela primeira vez senti-me relativamente mal nessa casa que comprara há dois anos. Ainda assim, consegui ficar bem disposto pela hora do almoço até bastante tarde nesse dia, sobretudo porque estava ocupado. É isso, vou falando da minha vida doméstica. Estive nos chats, procurava eventualmente uma mulher ucraniana, talandesa ou checa. Mas essa tipas têm tudo jogado e podem ferir bastante um homem, de modo que fui tentando não com tanta força e com bastante desinteresse, como que atira para ela para cima da cama e dela se serve, como um autêntica cabra e a deixa de lado, ignota aos seus sentidos e atenções. Muitas querem só isso. Há poucas românticas, ainda assim não quero somente sexo, ou talvez queria não-apenas-somente sexo...mas algo mais que passa sem dúvida por um entendimento físico, afectivo nesse sentido. Sentia saudades da brasileira, que me tinha ficado com a chave da porta e deixado ainda um saco de roupas e que nada mais disse, apensar dos meus emails e telefonemas...

CANSAÇO DO CORPO CANSATIVO NO MEIO DE UM ESPÍRITO ERRÁTICO

Sim, talvez tenha perdido a alma, que outrora estava perfeitamente ligada à religião, entretanto o corpo soçobrou nela e acabei por desgastar o que de mais preciso e medonho fui, sistematicamente, metódicamente, construindo, afinando, a minha mente, retorcida, distorcida, mas igualmente fugaz, por isso se tornou num espírito errante, errático, vencedor e feliz...

Talvez o homem não seja nenhuma destas categorias (absolutamente mentais), mas apenas corpo e, nele, também coração. Ou talvez sejam mesmo apenas essas três categorias e todas elas ligadas entre si como uma geringonça governativa do Si. Passaram quase quatro dias. A inquilina acorda mal-disposta. Tudo bem, entendo, é novinha. Estive até de madrugada trabalhando em sites diversos, na divulgação de ideias, na coleta de textos e opiniões. Ando nestes dias sem conseguir um encontro, seja como for. Ninguém me contata para nada. Virá uma nova inquilina, irá a que está embora? Não sei. Porque me fizeram isto? Será que o fiz, eu, a mim mesmo? A minha mãe diz-me que dizem mal de mim em Riachos, por beber. Acredito que sejam os amigos do meu pai. Certamente que irei até lá hoje ou amanhã... Retomei a revisão da tese e acrescentei umas ideias novas logo pelo início.

NERVURA QUASE COLORIDA

Há quem passe anos sem companheir@. Há quem mude de mês a mês. Terá esta forma distinta de comportamentos a ver com riqueza ou pobreza mental, com religião ou economia financeira? No meu caso, não posso deixar passar muito tempo sem que. De certo modo, estou sempre à procura, muitas vezes estou tenso e nervoso e isso as atrapalha. Por isso passo mal, porque, apesar de tudo, sobretudo quando consigo alguma coisa, não sou faroleiro ou o sou face a momentos de extrema dificuldade que tenho passado, reafirmando o valor da vida e do (saber) viver. Propus a mim próprio mais uma obra, o "Novo Tratado da Reforma do Entendimento", enquanto tento ganhar algum dinheiro por minha iniciativa, que é assim que tem que ser. Alguns me vêm aflito, outros desesperado, mas eu sinto que consegui, nesses dias, qualquer coisa de bom, muito bom, talvez até extraordinário, quase só por mim mesmo, coisa que nem eu próprio imaginava há um par de anos ou meia dúzia deles. Farto-me de escrever e organizar coisas, tudo mais ou menos só, o que é uma ilusão (estar só), ilusão também querer fazer tudo só e tudo ao mesmo tempo. Não em consigo livrar desse defeito, como se quisesse levar a equipa às costas. Sinto-me um pouco sufocado nesta casa, que acabei de limpar de alto a baixo. Mas é talvez o meu maior espaço de liberdade e poderá ser ainda por uma bom par de anos. Há dois dias que deixei o álcool e procuro pensar menos, domar o meu TOC e em vez de pensar no que vou fazer, de julgar conceptualmente a minha ação, procuro simplesmente fazer e fruir o momento, procurando ser feliz com o que tenho, coisa que tem acontecido nestes últimos meses, mesmo sem mulher alguma na minha vida, muito fruto da experiência e treinamento face às manifestações psíquicas, totalmente enredadas na língua portuguesa, o que pode parecer mais seguro ou até quase elementar, elemental, deviar pensar, por outra via, ou começar a pensar, em francês ou definitivamente inglês, para onde derrapo frequentemente a partir do luso. Como diz a canção, "let it be".

Fiquei toda a tarde esperando que o prestador de serviços de telecomunicações me restabelecesse a ligação que havia perdido durante a madrugada, uma semana depois de ter feito a instalação, assim, zás!, de surpresa. No final da tarde, não tinha como comunicar com a minha irmã a propósito do assunto e a moça que estava no quarto também estava enrascada, sem dinheiro e sem saldo no telemóvel... Nesse fim de tarde estava especialmente cansado, mas sobretudo desalentado, tanto esforço e parecia não ver nada quanto a ele ou outra coisa que fosse.

MORE THAN A FEELING

Estamos no terceiro dia de qualquer coisa. Passo por uma figura de Lobo Antunes no aeroporto, em consideração da maior tontice literária deste século, sem rigor algum de qualquer género, apenas alimentando o desarraí louco e esquizofrénico de que muitas mulheres gostam porque, a maior parte, nem sequer sabe formular o seu desejo por palavras. Vou comprar um vingo rosé, a oitenta e cinco cêntimos. Os tipos das obras numa cave do pátio fazem um estardalhaço constante com um martelo pneumático só para não ter de arrancar os mosaicos e azulejos à mão, só para não ter trabalho, só para despachar e fazer a obra, num pedaço de dois por dois que não tem jeito nenhuma muita merda por ali se faz, tanto dizem mal como bem, mas quanto a isto mais vale nem dar confiança. As pessoas não se queixam por medo de represálias, acontece nisto e em muitas mais coisa da nossa vida social. Até que apareça um herói civilizador, espanhol, e dê conta do recado, fundamentalmente sózinho e nada lucrando com isso a não ser um certa importância simbólica com que faz uma tese fenomenal. Nem Mourinho nem Ronaldo.

E sei que sou o mlehor naqueleilo que faço porque dou tudo, acabo exaurido e nem me preocupo muito com amiguinhos bajuladores que se arrastam como pinguins pelas ruas de uma cidade dolente, lentamente pornográfica, esboroadada, como se a mente dos seus habitantes estivesse em deslocamento ora para o mar, ora para os Marrocos, ora para o Brasil, ora para cima, para a Inglaterra, ora, finalmente e como deve ser, para a grande Espanha. Pasei mais uma vez pelo mónhé, aliás, como um noodles de porco comc aril a seis euros com picante lá mais abaixo, perto da Igreja, e dizia uma vez mais, Mecera! Macera!, comos e fosse um general francês que não quer domninar este território ou suas gentes ou paisagens, mas apenas fazer amor, misturar-se, porque lá em França há árabes e o problem em conseguir afecto é muito maior, ou seja, talvez a certa medida devida do afecto seja diferente de cá para baixo

CAIS ESBORADO

Assim, com tanto calor naquele verão, o desejo esboroava-se como a areia da praia de Carcavelos entre os dedos, àrida, ferível, numa água fria e um corpo suado, entre o soutiã e a cueca de licra. Estava farto de escrever, mas as ideias não desaparaciam, quanto mais as abafava, mais elas se manifestando, como se destapassem um feroz vulcão Etna, só para citar um exemplo, como se estivesse calculisticamente, perniciosamente, danosamente, esperando um maremoto que chegaria apenas o Marquês de Pombal, na pior das hipóteses, não vindo até cá acima, onde a vida é um pouco menos quente e buliçosa, embora seja bastante séria, complexa, quezilenta e tensional, não dependendo esse estado das/nas pessoas do exercício do sexo ou da frequência d Igreja, na sua maior parte, mas essencialmente da falta de dinheiro para o Homem se realizar, que já chegam de trata manifestamente inúteis e desinteressantes e haja quem faça disso literatura. De modo que me distribuía entre a revisão e complementação da tese, para editar enquanto livro, *Tratado de Filosofia Social*, faltando ainda a *Teoria (Geral) da Sociedade*, o bloco A4 de apontamentos e aforismos diversos, que estava a duas filhas do fim e este mesmo livro... Arranjem-me um lugar de professor e eu revelar-me-ei muito amigo, não cheguei aqui, talvez tão longa quanto nunca imaginei, apra nada, e talvez nems eja sequer eu a fazer *estas coisas*, pelo que abduco da autoria de alguma coisa que escrevo, fundamentalmente em nome do que observo...

TENTAÇÃO IMPOSSÍVEL DE REALIZAR DEVIDO À PADRALHADA E AO FRÁGIL DO BAIRRO

Nesta perdição de esboroamento, não percebera nunca nem conseguira encontrar explicação do facto do cantor fadista Camané me ter tentado atropelar, eu acho que a maior parte da malta daqui leva demasiado vento de sal nas ventas e não tem tino, ele não sabia com quem se metia, de modo que não tentes elogiar muito as pessoas, porque a maior parte é doente psiquiátrica e julgará ser uma ofensa das mais insensatas. Daí se explica a proliferação de rostos e mamas artificiais, para não falar dos glútenos, da proliferação de uma "hollywood europeia-do-sul", que se diverte a si mesma sem dar grande conta ao resto da Europa. Daí se explica o grande sucesso da ciência psiquiátrica (e dos livros de Lobo Antunes), essencialmente porque quem se mete na vida artística nada mais tem que fazer, terá medo de morrer ou então as costas bastante quentes. Eu fazia e pensava tudo isto sózinho, ainda que fosse influenciado por outros... Assim, continuei pelas ruas de Moscat, arranjando ainda meio de aterrar na grande maçã, quando por cá as comia assadas. Sentia que estava bastante perto do meu objetivo, provar que não era doente mental, que apesar do meu TOC (ou ausência dele) conseguia fazer mais e melhor do que outros. Nem todos, mas alguns, bastantes até, como se pode dizer. Assim, já tinha uma parte da tese traduzida para inglês, enquanto trabalhava numa versão soft para publicação junto do grande público, uma versão melhorada e aumentada. A relação entre mim e o mundo tinha diversas oscilações que advinham em grande parte de estar quase só (neste mundo?), mas eu estava tirando partido dessa circunstância da melhor maneira. A minha mãe exigia mais e mais de mim, a minha irmã também, para não falar do meu militar irmão. O meu pai estava quase condescendente e sentia que era feliz no final da sua vida, especialmente por mim, o tipo que havia estado bem mais perto dele todo o tempo e eu próprio me sentia bem, sentindo ter feito boas coisas em nome da minha vontade e livre arbítrio. Muito longe estavam as obras, a carpintaria, o chapar massa, assentar taco, encher placa. Sinto que estava grassando, vencendo,

enquanto mais um projeto fazia parte da minha vida, uma ideia que podia pagar a tese e as dívidas do banco, às telecomunicações e às finanças, ou seja, tirar-me do charco de vez. Para isso, teria de continuar a trabalhar, dando uns pontos nas notas avulsas junto à porta, que tirava assim que uma ideia original me arrebatia e arrebatava da cama, onde ficava no dia anterior com a cabeça cheia a estalar, ao ponto de ficar prostrado de bruços horas e horas. Curiosamente, fui perdendo o interesse na bebida, a cerveja sabia-me mal e longe estavam aquele ano inteiro desregrado, à mistura com mulheres e tudo o mais... Neste país desgovernado, há muito quem ordene...mas para a TV e o seu bolso, em termos protocolares, enquanto uma minoria preocupa-se realmente...eu conto-me entre esses, não teria dever nenhum de me portar como bom cidadão, porque não tenho proveito de o fazer nem é essa a questão, mas faço-o porque me sinto bem com isso, porque aqui só o ganau e o bandido se safam...sendo muito difícil conservar uma relação com uma miúda honesta...

Eu estava nos meus bons pensamentos acerca dos meus quando a minha mãe me telefona irritada, dizendo que eu os trato mal e digo mal deles, quando, do meu ponto de vista, é o contrário o que se passa, fico preocupado, mas não muito, se eles não me querem por lá, por lá não apareço, mesmo que passe mal, como ontem aconteceu, mas foi isso mesmo que lixou o meu grande amigo, a desistência de Lisboa e a teimosia em estar lá, de volta de vinha e dos tarecos, num pai e num a mãe que quase sempre nunca torçeram por ele... Depois, não sei porquê, lembrei-me das bombas de mau cheiro que púnhamos no comboio e nos fulminantes ("furminantes") com que brincávamos no Carnaval. Boas memórias de uma infância em que, seja ou não esquizofrénico, fui bastante feliz. E o melhor é que eles estão lá quase todos, menos o Charréu, o Aires, e o Vítor, a quem na escola secundária chamávamos de australopiteco...O pior é que o chamávamos a ele, mas quem era, era eu, por isso ou por outras coisas vim a estudar antropologia...para mais social...depois...filosófica, como que resolvendo e ao mesmo tempo atenuando a perda de um Ser que me fez bastante bem e que, digo sincera e abertamente, poucos defeitos tinha...mesmo falando dos primeiros tempos, na escola primária, tipo Lídia Jorge, no encanto dos

murmúrios, como que regressando a um primitivismo à beira-mar que não existe (digo eu), mas que estava vinte ou trinta anos atrás do que se passava em Paris, Londres, Basel ou Frankfurt, para não falar de outros lugares. Europa a duas velocidades! Muitos se desencantam do desenvolvimento, mesmo newyorker, quando têm projectos para levar vagarosamente, gozando a vida que se lhe dá e não a dando de barato por uma relação, por uma ilusão (quase pornográfica), por um filme ou um livro que quase ninguém escreveu.... Ainda que cansado e baralhado, precisando de medicação para o meu maldito TOC, avançava, destemido, no mundo das letras, das pessoas e das coisas, quase caindo ao chão, tentando evitar a cama, saindo muito cedo dela mesma antes que me prendesse com suas grinaldas e ferros, corrente, melhor dito, com ou sem sevícias, tentando fazer alguma coisa dos dias, ainda que sem alento provindo de outrem, fazendo as coisas por mim mesmo e acreditava que, enquanto escritor, filósofo e antropólogo, estas coisas valeriam um dia mais tarde a basta e grande gente, ainda que a pequena também se viesse a engrandecer com os meus modestos e ao mesmo tempo singulares feitos... A pouco e pouco ia perdendo sentimento algum por danny, muito menos pelos Colinas, que nunca me disse nada, que nos meus momentos de abatimento não me encorajou nem incentivou, coisa que eu lhe fiz prontamente quando se encontrava no meio de um cancro dos pulmões por ter passado demasiadas noites na Palace Kyay e em casa de putas, depois da merda que fez com as suas mulheres e filhos. Mas pronto, Riachos era a imagem do país: folião, irresponsável, pouco atreito com o tipo que vai diretamente ao divertimento sem ser PIDE, pouco atreito a cálculo, reflexão, filosofia e pensamento, pouco atreito a estudo, porque, afinal, quase todos os dirigentes são da privadas e a filosofia acabou na Lusófona e o ISCTE há muito que é uma empresa, Letras é uma empresa de chouriços bêbados que preciso de extirpar de Si a ideia de serem inúteis para a sociedade e a Nova, a Nova, é apenas um fio diretamente ligado à RTP... Nisto tudo, o que eu mais tenho medo, é de me tornar um homem de poder, porque afinal de contas, apenas quero uma mulher carinhosa e elas exigem tudo do Homem só para as cortejar, não é Quintais? (soube bem , não? Comer a Lobo Antunes, que não tem

queda senão para a verborreia cinéfila e psicanalítica?). Sabes que mais? Nenhuma dessas, que disse e que não disse, andou no seminário, quanto mais no convento. Por isso. Como o *Varições*, estou bem além...e não perecerei disso... Essencialmente, a mulher tem uma mente perversa, especialmente a feminista; ela adora que um homem quebre diante dela, mesmo em termos de erecção, só para ver a reacção de fracasso dele. A brasileira é essencialmente porca neste aspecto, para não falar da norte-americana, pois usam a carência e fraqueza do homem para conseguir ganho económico e/ou social. Não são mais do que putas. A portuguesa também o é, mas precisa de mais tempo para se viciar. É do tipo-junta, com as cuecas cagadas e a cona por lavar, leva um eternidade até a convencer e ainda por cima ainda conta histórias de embalar no final. Uma perda de tempo. Um antropólogo sabe destas coisas? Com esta linguagem? Não deveria ser tudo natureza-legal-humana-cultural-intelectual? A intelectualidade fodeu o ocidente de alto a baixo, pessoas que só pensam na língua deles, que só pensam redundantemente por palavras, todos fodidos da mona, repetitivos, obsessivos, paranóicos com o sxo, a arte e as merdas da construção, do herói-civilizador que só fez merda na América. Ide-vos foder. O francês, ao menos, não repetiu a merda que o português e o espanhol fizeram...

A DIVA NO DIVÃ

Mais adiante, no *Dicionário de Filosofia* de Legrand¹, dizia-se, acerca da Cosmogonia: "Especulação poética e filosófica...". Especulação? Não é a filosofia toda ela uma especulação, a maior parte das vezes não tendo em conta, no seu método (será que tem um método?) o que dizem os actores sociais, tanto em termos de comportamento quanto em termos de discurso? Uma boa questão? Será a ciência social, nomeadamente a antropologia, que se ocupa das cosmogonias e dos mitos, uma ciência especulativa? O seu método não é assaz prestigiado? Pata na poça de Legrand, mas há muitos por aí, filósofos, que especulam sem nenhuma raiz científica, sem método e depois da porcaria feita, depois de terem feito porcaria e descolado, deslocado, dela, ainda lhe chamam de ciência. Por outro lado, as ciências sociais, nomeadamente a psicologia, que é obviamente uma ciência social, quanto mais não seja a partir da relação terapêutica (*o Outro no divã*), mas essencialmente a antropologia e a burocrática sociologia, são ciências secas, dry, que precisam de quando em vez de uma rega de subjectividade, coisa que a filosofia mas sobretudo a literatura lhes dá... Depois, por causa da merda nas abébias do cú, lembrei-me, não sei porquê, do teste Roschard...afinal a Psicologia, tal como a bruxaria, é para quem acredita nela e a sustenta. Quando me mostraram aquilo, estive mesmo para dizer que eram mais e mais manchas, umas iguais e outros diferentes, pouco importa, mas, talvez para alimentar o imaginário de que eu, como homem, sou feito, disse que eram formas, umas de animais, outras de sexo, umas merdas quaisquer. De facto, a Psicologia está longe, bem longe de ser ponto de apoio para a criatividade, para a arte, muito menos para a escrita poética, ou a mera narrativa, porque tenta aprisionar o Eu em formas quando a sua génese e anseio é a libertação que consegue, para já, desde já, por duas ou três vias: o desporto, a arte, a posse no amplexo sexual....Um é pobre, outro é altruísta, outro é libertador e forma cidadão exemplares, como o meu "a la mano", que se sagrou campeão distrital de veteranos em corrida, não sei bem se em

1. Edições 70, Lisboa, 1986 (1983 no original da editora Bordas).

corta-mato se em distâncias várias, oscilantes segundo o calendário de Pobrealegre....

Quanto mais vejo o mundo, mais percebo que devo continuar com as minhas intrínsecas coisas na minha vida, porque vejo muito escritor que é flope e sopra balões: mesmo que rebente um ou dois, volta a pegar em um ou dois para os encher e viver disso..."tu é que disseste que querias enchimento..." A linguagem direta passa na TV, mas ninguém ousa, no metro nem na rua, dizer algo de descarado, porque a natureza humana é fundamentalmente festiva, insidiosa e oportunista, não tanto aqui, José, mas sobretudo na América que todos copiam...talvez deversem estudar russo, ou grego, que lhe deu origem e passar sete meses sem fazer amor...a ver como se aguentariam, com ou sem tese, com ou sem comida, com o seu agressividade.... Depois disto, ainda estou dependente das metástases do mundo. Para curtir uma miúda, é preciso partilhar da sua doente doença...

Dali a pouco, começando a noite, estando entretido com os meus botões, o cromo de cima, que me parece ser segurança, juntamente com a mulher e que tem um filho, desata a correr escada abaixo para ir falar com um tipo na rua e planta-se ali, mesmo em frente da porta a falar com o tipo. Zás...zás...para trás e para a frente, sim, o mesmo tipo que me ameaçou e só não bateu por duas vezes mesmo em frente da minha porta. Eu sabia que o tipo tinha qualquer coisa contra mim...a armação do gajo (e isto é uma cena bastante triste, pois nem sequer faz sentido algum...) é a seguinte: ou ele me espia online, ou no telemóvel, não sei, esses tipos da segurança podem fazer isso, tirar autorização, nem que seja falar com polícias sobre uma possível suspeita, o tipo pensa que eu sou pedófilo e a gráinha do gajo é espiar-me e esperar que eu me descaí e falar com a polícia e virem revistar o meu computador...foda-se. Isto não é triste? EU não tenho de provar a ninguém que não sou pedófilo...men, o gajo é marado...suspeito que é isso, não tenho a certeza, ous e calhar é inveja de ter tido aqui um trans que fodia às direitas, desculpa-me ó garoto lá de cima...rsrsrrs

Depois há outra coisa, a malta, especialmente seguranças, que eu cumprimento, às vezes, como o tipo da FCSH, pensa que os tipos seminaristas ou que estudam antropologia (especialmente a filosófica ou a mera filosofia) são uns tipos ressaibados com o mundo, que se escondem atrás de umas lentes grossas e que são como os comunistas, comem criancinhas ao pequeno almoço. Em parte é verdade, mas não me cabe a mim satisfazer ou vencer esse mito, só tenho lentes grossas porque não tenho dinheiro para umas finas e, quanto ao escurecimento, desde os doze anos que o deveria usar, tenho hipersensibilidade à luz, sim, sou bonito, não precisava de óculos, nem meramente de estudar coisa nenhuma, tinha as tipas que queria, mas optei por um caminho mais ou menos ínvio e não vejo muita gente a meter-se comigo, não peço por isso, aliás, a falta de sorte com as mulheres tem um pouco a ver com isso, elas não vêm totalmente o meu rosto, acho até que poucas viram, até hoje....cromo!... Sim, eu ainda via a cara deles e delas enquanto revia a tese para uma versão comercial, parecia estar paranóico, não podia deixar de pensar em sexo, já não pensava em amor, queria libertar-me e talvez estivesse bloqueado por não fazer uma merda porno, talvez, ou talvez apenas teria de viver um quotidiano pontuado de projectos mais ou menos megalómanos e ao mesmo tempo solitários, achando que a culpa de estar só, relativamente, era só e só minha, pelo que perdera o aro de me armar em bombeiro e pastor de tudo o que mexesse e não-apenas-somente cheirasse mal. Sim, talvez tivesse nessa noite produtiva, descoberto uma coisa, em segunda mão de um programa do Manuel João Vieira, do Canal Q, dito pelo psiquiatra, a saber, que "o psiquiatra analisa o que não aconteceu com o sujeito-paciente". Ou seja, ainda muito centrado no "peso" que é dado ao paciente, nos termos de uma política neoliberal a todos os títulos lamentável em suas consequências (um pouco como o TOC, pensa (e faz) sujeira, depois pede desculpa e volta atrás, limpando a consciência), i.e., um típico produto do capitalismo e que reproduz dois níveis ou duas etapas da vida de qualquer sujeito: quando tem presa, não anda devagar, quando anda devagar não anda depressa e pena um pouco mais do que pense quando anda depressa. Para além de ser perfeccionista, muitos são gabarolas e desleixados e talvez eu seja desleixado

por ser perfeccionista, mas raramente me engando quanto à gabarolice...

OUTRAS HISTÓRIAS MUITO MAIS GAY...

Histórias alegres, dentro de um fundo melancólico, absolutamente romântico para miúdas hospedeiras, nunca mais sou feliz, snif snif, quanto mais entendo de Filosofia e Antropofagia, mais fome passo, adiante, era contudo uma forma revoltada de me passar dos carretos, com dois dias de atraso em relação aos medicamentos, bebi alguma coisa, mas a lucidez paga-se caro, em termos de clara-vidência e mundi-vidência, mas ainda aposto neste pedaço de terra à beira-mal, ainda que o suor me estampe as lágrimas nas costas *cossas* deste mundo, não chorar sobre leite derramado, eis a minha primeira regra desde há muito tempo, possuir não é ter, ainda que uns apanhem outras e outras apanhem uns, mais ou menos sedimentados e arregimentados na vida. Via o programa do Alvim, o cantido do poeta que ele tinha, tinha mais de dois anos, no entanto aquela "cena" fazia sentido absolutamente significativo para o meu desiderato de esperar pela medicação e, voltando à cerveja sem álcool, tentar falar com alguma miúda na rua...talvez trazê-la para casa, embora os pêssegos já nem pele tivessem. Preparava-me, então, para muito mais histórias mais-do-que-gay, ou seja, bastante(s) alegres e bem-dispostas, evitando o mau humor e tentando não chatear ninguém, servindo-me dos meus conhecimento de teoria e prática social, pois nisso era um às. Que importava que tivesse tentado e não tinha conseguido, com as cabeçadas aprendia a ser mais e melhor, a ser mais maduro e experiente e de certo modo, preparar alguma felicidade e, quem sabe, ajudar jovens e pequenos com problemas mais ou menos graves como o meu, que não era de grande monta, nem que eu fosse um pouco arrisvista, chato, insistente e até agressivo, sabia que por vezes tão bem-educado (os bolinhas de sabão entufados), que compensava as vezes em que me teria ouvido gritar "o melhor antropólogo do mundo..." Mas, se calhar até era, ora vejamos, não sobressaía na sociedade nem que para isso insistisse,

tentando agradar aos outros, atitude acompanhada de um bastante notável capacidade de percepção e observação. Sócrates, dois milhões por dia em hotéis em Paris e eu na Maison Blanche, mas pronto, ou seja, era notável, como tinha bastante inabilidade para ter pouca sorte com as mulheres, mas bom, talvez apenas, digo "apenas", as minhas antenas estivessem apontadas para um qualquer lugar longe daqui e não quisesse (não que não soubesse) assentar, a falta de dinheiro era constante e eu não sabia bem o que fazia, se continuar a rever a versão comercial da tese, se continuar esta escrita, que conheceu grande propulsão ante o fracasso da noite do dia anterior, mas que estava mais liberto, estava, como vulcão que expelle copiosamente a sua lava e magma para o ar e que vem ter à terra *splash* e se estatelava espalhando bocados pelos telhados mais próximos, sim, tentei a banda desenhada, a música, mas apenas previa sair de casa todos os dias e fumar um pouco menos, que já tinha tido um ataque cardíaco na outra casa e, no fim das contas de montas diversas a respeito do físico e do psíquico, a saúde era o mais importante, ainda que o grande artista pouco se importe com isso. Por outras razões, o meu ressentimento para com Pombais e Lefresne estava sendo abatido na ordem da consciência e eu repicava sentimentos e ideias que tanto tinham a ver comigo quanto com os outros que nutriam mais ou menos simpatia comigo...como em outras ocasiões, era aguardar mais um pouco, um pouco mais de paciência e ter um certo ar diplomático de salvador de coisa-nenhuma-situada algures ora na raiz ora no cimo de uma árvore ignota da Malveira, que eu, etnograficamente falando, nunca tinha visitado... Ao mesmo tempo, conhecia uma capacidade de sofrimento e superação parecidas com as dos meus irmãos, contentando-me com pouco e visando sempre o absoluto de qualquer coisa, nem que fosse de um cão que passasse por mim com o seu dono...Isto é sério, mas a vida é demasiado séria para se levar a sério, para não, cirurgicamente até, não se levar a brincar, com uma ou outra fidelidade pelo caminho, abraçamos o mundo, poderia dizer...

SAD, BUT NOT UNUSEFULL

Podes pensar e ver as coisas noutros termos, ou seja, pensas que te estão a fazer bem, quando nenhum dele há, além do mais não há resultados e sentes que foste sendo chutado de um lado para o outro, ainda que sendo um tipo consensual. Não tenho nenhum interesse no ISCTE, talvez nunca tivesse, mas sinto que fui de lá chutado, sobretudo porque era o símbolo daquilo tudo. Cansaço mental, a ponto de queres matar dois ou três tipos e tipas, serão certamente mais, se fora outro tentaria uma qualquer forma de vendeta judicial ou do género, alegando uma qualquer forma corrente de discriminação, ora baseada na educação ora numa merda qualquer que nem sequer me interessa pensar, estava tão farto daquela situação, que a única solução -e os medicamentos ainda não tinham chegado- era regressar a Riachos e descansar, descansar e esquecer. Contudo, eu nunca fora de esquecer, não podia esquecer o mal que me foram fazendo, por toda a cidade, sob as mais diversas formas: ostracismo, discriminação, troça do mais variado género (muitas das vezes em nome das ciências que eles ensinavam, muito menos competentemente com a minha produção teórica e literária). O facto de eu andar deprimido, enervado, quase psicótico, sózinho a maior parte do tempo, teria certamente uma causa fora de mim, numa selva que era bem mais criminosa do que podia parecer, dentro e fora da academia, veiculada pelos media. Mas a minha história, de resistência e sabedoria, haveria de estalar. Não fazia sentido um tipo como eu, ainda que nervoso e oscilante, sofresse como eu sofria. Só podia ser um xamã...mas em nome de quê? Nada conseguia lucrar com aquilo, minha mãe sofria horrores mentais e, claro, havia muitos culpados, aqueles que não me haviam dado emprego em todo este tempo, sob as mais diversas desculpas, devidamente esfarrapadas, não estou a branquear a situação, aqueles que me haviam recusado bolsas e coisas do género, aqueles que não me haviam chamado para nada. Eu estava-me afundando e sabia que a culpa não era minha... restava-me ter mais poder do que eles todos juntos, todos aqueles que me haviam visto e a quem

havia dado demasiada confiança, quando a maior parte continuava como que refugiada ora nas academias, ora na religião, ora no seu trabalho...com uma visão acintosamente anquilosada do que é a vida, em nome de carreira, de política, de interesses, não sei mais do quê, servindo-se de carreira académica e outra para exclusivo interesse egoísta. Sim, porque eu não seria certamente egoísta, senão, como estava na penúria, pedindo dinheiro aos meus irmãos ao fim de tanto tempo? Até me dói a cabeça só de falar nesta situação. Ainda por cima recusam-me uma bolsa, eu entre outro candidato, decerto não tendo mais de trinta anos. Se eu fosse dizendo a verdade, tinha vontade de fazer explodir a cidade inteira, pois raramente teria sido oportunista como os locais e muitos estrangeiros que por cá passavam para tirar proveito de situações que, em grande parte, eu criara, sem me dar uma única satisfação... Tudo isto me poderei fazer abater. Mas eu resistia, apenas tinha um dia pela frente para tomar os medicamentos e fazer face às dores de morte de cabeça e ao cansaço extremo. Talvez precisasse de um internamento psiquiátrico, sinceramente falando. Ou talvez não. Talvez houvesse gente como eu, que fora trilhada pro esta cidade de gente que fala demais, entre taxistas desbragados e académicos anarcas e irresponsáveis, entre padres que ora se escondem, ora ganham dez mil euros por mês de pensão e outras coisas mais. Porque, na realidade, eu nunca conhecera a Igreja de Lisboa. Não me fazia sentido. Gostava mais do norte. No entanto, fazia amigos e era respeitado, mesmo e sobretudo porque persistia onde muitos, todos, teriam desistido, soçobrado...e eles lá estavam, os professorzinhos, sem noção alguma do mundo, atentos de olhos esbugalhados ao arbitrário de se sentirem confortáveis. Assim, com ordenado garantido, mais projectos de milhões e subsídios, interesses, era fácil produzir teoria, por mais tãla e ôca que ela fosse, por mais que quase ninguém ligasse a isso, a não ser meninas catequistas e jovens imberbes que, a continuarem, nem suspeitavam do inferno que lhe esperava vida adiante. Professor? Para fazer sofrer os miúdos? Eu quero lá saber!... Além do mais, encontrava-me bastante sózinho, até a colega de apartamento me evitava como se fosse doente ou maluco, sei lá o quê, como se andasse atrás dela...

Depois, à medida que me fui esforçando e que as coisas, as ideias, boas ou más, iam saindo, sem qualquer afetação pelo mundo ou por mim mesmo, cheguei a perceber conceptualmente os meus dois irmãos e até o meu pai e a minha mãe: eram pessoas que não tinham especial necessidade de provar alguma coisa, ajudavam as pessoas no seu trabalho e, de algum modo, desenvolviam uma certa forma de liberdade num determinado contexto que lhes era caro, toda a gente gosta de ternura e miminhos, mesmo a pessoa mais amargurada, seja criança, animal ou adulto. Neste ponto, eu continuava a produzir e não ambicionava nenhuma espécie de estrelato ou brilhantismo, apenas pretendia a oportunidade de lutar por uma vida mais sã, menos genial, porque, afinal, estava amargurado com muita gente que se esquecera de mim. Mas não procurava nenhuma forma de atenção em especial, não procurava nada, apenas fazia as coisas, instintivamente, sem pensar, talvez pela primeira vez em anos, sem calcular, como o jovem negro bêbado que exigiu desculpas por ter ido contra mim o português que o acompanhava. Eu ainda tinha alma de professor, por isso ia compreendendo, ainda que, à vista, pouca gente me compreendia a mim, mas era já jogo perdido, mesmo a hipótese de dar aulas por cá. Era era radical, demasiado diferente e, no saldanha, ao ver certas tipas sem fazer nada, pensei em certas americanas que via na net ou nos filmes e numa maneira de fazer uma merda qualquer com elas. Mas não gastei muita massa cinzenta com isso, creio que era ainda uma boa figura, espetacular e única, quando bem arranjado e decidi não cortar o cabelo tão cedo, insistir até ao limite, coçá-lo, ameaçá-lo e comprovar frequentemente que ele simplesmente não existia. Estava sem internet há dias, os cinco euros que havia carregado no meu amigo indiano haviam servido para muita coisa. As meninas nórdicas riam-se, baixando a cabeça e tecando no iphone como se masturbassem no meio do gelo. Era bem feita que as fodessem bem por cá, não que rezasse por isso, não que me sentisse atraído especialmente por uma, apenas queria fazer uma certa forma de justiça a este povo, que, afinal, não fora ela a maltratar-me. Apenas não me podai dar o que eu queria deles. E quando assim é, tu compreendes e baixas a guarda. Tantas ajudas e comoves-te até com isso, deixas de ser o melhor antropólogo do

mundo porque isso nem sequer existe, talvez apenas na mente de muitos picuinhas que não conseguem seduzir. Sim, tudo vai dar a isso. Por isso se vive uma espécie de paraíso por aqui, e os polícias, embroa problematizem e encontrem grandes dificuldades de várias ordem (nomeadamente em conter o turismo e a emigração, como acontece de resto em Itália, na Espanha, na Grécia e, noutro grau, em França, na Turquia e mesmos na Argélia e nos Marrocos). Porque os escandinavos escolhem os seus migrantes, não sei bem por que critérios, um pouco como os americanos, creio que apenas por critérios financeiros, cinematográficos e etnológicos... Era verão e eu delirava sem droga, bebera um agarrafa de SuperBock e uma cerveja chinesa no Oriente, que muito bem me soube, fiquei a deitar espuma e oxigénio pelos olhos e pelos ouvidos e a enxergar verdadeiramente melhor. Senti-me leve, não velho, leve, talvez mais jovem do que alguma vez fora, sem conflitos, sem juízos e sem censuras ea ainda por cima sem drogas psiquiatricamente orientadas para corrigir o meu comportamento e discurso. Porque eu nunca fora generica e originalmente conflituoso. Nunca, sempre fui tímido, esperando, como muitos, a vez para avançar, em relação às miúdas e a tudo. Por isso eu fui o símbolo de uma universidade, símbolo que ele chutaram para fora porque não mais lhes convinha, lucrando imensamente com isso, coisa que eu nunca invejei, porque também percebo de xadrez e li bastante Kafka. Talvez estivesse sendo absoluta e decisivamente bipolar, ora bem-disposto, eufórico com as manifestações do meu espírito, ora raivoso, e especialmente come spanhóis que vinham para cá falar abertamente catalão e castelhano e nem nunca teriam reconhecido em mim um que por aqui anda. Os franceses, ao contrário, reconheciam-me e sorriam para mim, enquanto os nórdicos, com a testa fria, me dava uma vontade de lhes dar uma cabeçada nas testas para que abrissem as portas ao mundo, fechados e protestantes, lubrificamente porcos e publicamente ousados e telecomuniqués, pretensamente superiores com base numa certa estancialidade do sentimento, do pensamento, quando isso só trazia ferrugem. Mas bom, por isso eu admirava cada vez mais certos americanos, como não admirava a grande parte da sua constituição étnica, pretensamente nórdica e abusando, em todo o sentido, de um

erto cinema demasiado pobre conceptualmente, repetitivo, carnívoro e agressivo, que no final sómente deixava pessoas singularmente aterradas e doentes, num canto, quando muitos antes já lá tinha estado Camilo pessanha, só para dar um exemplo. Porque, antes de mais, quem sente o sentimento fugir, presta-se em recuperá-lo por via da agressividade e quanto este mais lhe foge, mais luta, mais perdendo, mais se desgastando, perdendo o sentido da ironia e do *savoir-vivre* e *bien-quand-mêmme-mieux-penser...*

A EMINÊNCIA DA FELICIDADE, DA FAMA E DA GLÓRIA

Sim, eu já estava vivendo um situação anterior àquele mesmo tempo em que re-tinha o corpo e a consciência. Na verdade, era a felicidade, a estabilidade e o amor, bem como sucesso, que me atemorizavam, que me assustavam. Como se isso, fazendo o chorilho que se faz no psi, trouxessem a descoberto coisas, vícios, merdas que um tipo tinha feito. Mas eu sentia-me bem à-vontade com isso, então porque as coisas não avançavam efetivamente? Porque ninguém me convidava para uma coisa ou outra, baseada num certo esforço, nem certo talento? Porque, simplesmente, a sociedade, a cidade, a bem-dizier, mudara radicalmente. E, *hellás*, eu tinha acompanhado tudo isso. No metro, fosse onde fosse, era espetador, testemunha e actor...nada nem ninguém me podia tirar isso, enquanto muitos davam a sua queca numa sala mais ou menos iluminada, com o sem fotos e câmeras, contando, virados para si mesmo, com imensa sacanisse, um maço de notas. Limpava o cú imensas vezes, repetidamente, e ficava sempre mais alguma coisa para limapr, não tinha sossego, qualquer coisa e desta vez eu não sabia o que era, me incomodava, e não era gay, talvez o tivesse sido e o estivesse deixando de ser, talvez não era apenas uma doença, talvez, talvez, apenas tivesse de ter paciência comigo mesmo e com minhas

ânsias, porque a genialidade não me faltava, talvez tivesse de continuar a tentar, com uma boa dose de esforço, alguma boa educação, algum resultado que me animasse para continuar. Já não era, tudo isto, ciência social, nem literatura, muito menos filosofia. Ou talvez fosse apenas filosofia, por isso, por ser uma "coisa" fundamentalmente fundamental, ninguém dava importância, porque, de certo modo, fazia parte da paisagem... Na verdade, o que vivemos nós senão memórias? Dizia Watslavick, no seu livro, "A Realidade É Real?" (enfim, sou talvez apenas um teórico da comunicação perdendo as minhas qualidades inatas para derivar de uma conversa para outra sem levar alguma para o fim ou, em retrono, para o princípio). Sim, se a realidade, em termos filosófico, não existe, ou seja, não tem uma existência fora de nós, todo o conhecimento é certamente inato, ou seja, no mundo nada haverá de especial para descobrir que não saibamos inatamente enquanto (Ser-Es) humanos, ou seja, estamos constantemente a chafurdar no húmus de que falava Raúl Brandão a propósito dos pescadores, ele vão ao mar, enquanto as mulheres ficam em terra tratando das actividades da loiça e pintando as paredes de azul. E o mundo vira, é isso que vale a pena, é verdadeiramente isso que nos faz humanos, ou seja, estamos derivando para uma compreensão das culturas que tem a ver com uma ideia que os portugueses, por fome, fé religiosa e desespero e conflito político interno, nomeadamente com Espanha (na verdade, estávamos entalados, como o costuma fazer a Espanha sempre que lhe convém, além de nos ignorar a todo o momento, grande parte por inveja da nossa herança genética e dessa coisa que começámos, a globalização física, psíquica, sendo que a actual é meramente uma insistência e persistência face a ideias que sempre foram pilares da conduta humana (várias, a saber...), ou seja, portanto, estaremos em entropia, antropologicamente falando? Não teremos, antes de irem mais de nós para a Lua ou para Marte, num escorso e esforço de "tentativa de comunicação com o Outro-Estranho que é o Mesmo", e lembro-me do meu homónimo Vítor Espadinha, se me permites, amigo, e da tua célebre canção copiada do Joe Dassin, mas bem, estive para te cumprimentar no outro dia, mas pensarías que seria gay ou coisa assim, e ainda por cima estavaas bem quando

acompanhado e eu não sou de estragar pretensos planos dos outros., dizia, estamos em condições de combinar um saber devidamente oriental, quase nórdico, das relações e organização humanas, com uma forma especial de tudo isso dar lucro, para as empresas deste continente, de África e da América, pois que creio estar por lá aquilo muito mal, creio que fodem muito fora do pinto e as crainças saem demasiado inteligentes e cheias de hormonas, talvez precisassem de voltar à Terceira para referar os estrambelhos, na verdade, já disse o que pensava, agora a realidade é real? É real eu estar a falar com uma pessoa, e o mundo de hoje é demasiado desafiante para o escritor que "sobrevive" de memórias, que queria viajar, enfim, aprender a pensar em várias línguas, incluindo o coreano, de preferência do Sul, porque o desafiado desafio desgastado de pensar em português está dando cabo de mim, enfim, já aconteceu a alguns, daqui nascido e craídos, da França e mesmo da Espanha. Quando conversamos com alguém sentimos como que guito no cú, ou seja, um cisco no Ânus, a que eu costumo terapêuticamente chamar de gráinha e que se projecta na testa de uma professora embora sábia, bastante oportunista, sendo que o cú, nunca fui cheira-cús, é o seu amigo diretor do departamento, esse cisco projecta-se, como que iluminado e reluzente, na página 79 de uma tese de doutoramento noutra área e começa a desaguizar, saindo desgarrado de um texto de ficção, quando muita gente procura o entusiasmo do encontro de um texto fraturante, passante, tipo, Zizék ou Sloterdjick, ou mesmo outro de que me não lembro o nome, bastante mais ponderado e, na minha opinião muito melhor do que eles, que nunca saíram do Leste, nem que fosse passando pelo Estreito de Gibraltar (que certamente lhe daríamos "bem-passar" desde que regressassem com o navio cheio das moedas que trouxemos de muito lado, depois de comerciar pro todo o lado, sim, esses dois autores da moda estão devidamente empretelados (com bastantes seguidos no nosso país) num registo psicanalítico que, basicamente diz, bem como a maioria bastante da tradição filosófica europeia e americana, de que a realidade está algures na nossa mente, ou seja, tanto na linguagem dos diálogos que encontramos conosco e com Outro (s), sendo que eu, para os satisfazer, diria que a realidade não existe mesmo, nem na

cabeça de ninguém, nem sequer é uma "coisa", um epi-acontecimento fenomenológico além no Sujeito, no seu exterior, algo que ele pode conhecer, domar, domesticar, como diziam os antropólogos. Zizek nunca foi nem será antropólogo. Muito menos Slotterkkyci. São feios demais para isso. Mas falam, entre cineastas e outros, para consolar atrizes das suas arremeticas cénicas....

DOM MANUEL II DE ESPANHA

O português, mesmo quando o pôde, nunca quis dominar o mundo, interessava-lhe mais conhecer o mundo, as mulheres, os lugares, o âmago da plena aventura todo-o terreno, por isso o americano o respeita. E nós deveríamos pensar nisso, Portugal é o Mundo e a Espanha também, talvez a filtrada multiculturalidade de uma Noruega e de uns EUA ou mesmo Finlândia e Japão esteja a matar esses países e a torná-los velhos e caquéticos, ao mesmo tempo que assolam à Europa do Sul (a uma Grécia, a uma Itália, só para citar os mais mediáticos) cada vez mais africanos que vêm nos "estados (unidos?) da Europa" como que uma versão "mais segura", em certo sentido, mais previsível em termos de impacto psicológico, do que a América (do Norte), como que acautelando o negativo impacto e desilusão de uma falhada experiência americana. E o que é a América senão a Europa em outra versão, mais potenciada, mais inchada, mais monogâmica no sentido da afirmação do interesse particular e privado articulado com o coletivo (não há antropologia "social" nos EUA). O americano nunca foi social como o europeu (mais formal). É, em certo sentido, mais cosmopolita, mas por via da humilhação feita ao índio e absorção da esperteza que ele aplicou na sua luta pela sobrevivência (Kevin Koster em, por exemplo, *Danças com Lobos*). Sim, quem concedeu independência ao reino de Portugal, foi, etnologicamente falando, não o estado do Vaticano (nesse altura nem esse beneplácito seria necessário, basta ver certos estados nórdicos esquecidos do papado), mas Dom Manuel de Espanha, o Segundo. Óbvio. Porque a identidade portuguesa se foi construindo por antagonismo a Espanha, embora esta sempre tivesse menos genialidade genética do

que nós, talvez por, diria talvez, se entrevere, se entrevirem, num estado territorialmente "maior"... Mas, enfim, nem só de história e de Tempo vive o Homem. Além do mais, a experiência religiosa na América é, a meu ver, muito alheia ao meu sentimento face a essa actividade do que é humano...

RACISMO GENÉTIC(R)O O PROBLEMA DURO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A minha verdadeira arma não era o corpo, ainda que fosse bastante bom nisso, desde quase sempre, só que não o cultivava devidamente, a minha verdadeira arma era, seria, a palavra, por isso me oferecia porrada a toda a hora, não ganhando nada eu com isso senão dores nos pés por estar tão vertical e estupidamente em pé pensando no que haveria de escrever. Depois, percebi que, ainda que estando fisicamente só, não o estava culturalmente, espiritualmente, a propósito do Nada e de Muita coisa.. Enfim, essa foi a etnografia do dia e eu há bastante tempo precisado de uma mulher. Mas não queria mais, tinha bulício demasiado na minha paz e tudo fazia sentido, como se fosse um criminologista da morte que me queria alguns tipos nesta República. Eu próprio me interrogava como podia se tão mau nesse registo acintoso, talvez anti-americano, anti-filandês, mas, de certo modo, eu tinha um projeto abrangente apresentado à FFMS em que explanava mais ou menos cientificamente o que seria Ser Português, ainda que soubesse que as minhas abundas palavras nada mais diriam do que a tão mais ignota canção dos famosos europeus Heróis do Mar. Eu prosseguia, tirava conclusões a propósito de tudo, tudo fazia sentido e ao mesmo tempo não fazia, nada fazia, abominava Nietzsche por ter tentado ser o maior génio quando, no seu solipsismo revolucionário esquecera o sentir do social. Mas não poderíamos pedir muito, os cientistas sociais haveria de surgir muito mais tarde e

ainda que certos, e stamos, pelo menos por aqui, reservados à academia, dando eu certas e determinadas lições grátis e despejado de uma inquilina que não havia pago caução -in-justiça?- e tudo reivindicara, quando eu, a pretexto de ofensas várias, muito lhe oferecer, comida, não estou para contar isso, conversa, interesse, quando ela pensava que isto seria um hotel de conveniência, não percebo estes jovens, tenho vistas demasiado largas para ser professor, longe de mim ensinar a burrice de que sou pertença e que me mantém vivo, eu, logo eu, o homem-comum mal vestido, com o cabelo na testa e por cima dos olhos, tipo Sócrates no funil onde bebia copos e pervertia meninos, ou seja, não me defendo, não preciso disso, estou num país democrático e cansado do discurso ora social ora sobre mim-mesmo, como se tivesse de me defender a todo o custo, não conhecendo senão teoricamente as artimanhas dos juristas, porque há um tipo de conhecimento que escapa a muitos especialistas da letra, um conhecimento ligado à psique e à força física, ou seja, uma certa forma de respeito quando somos agredidos, sem nos fazermos de vítimas, quando estes tempos mostram, digo eu como homem, consumidor e cidadão, que vale tudo e ao fim e ao cabo tudo se pode explicar. Nada se explica, muito menos a liberdade. Sente-se, meramente, aqui e longe, entre o falar e o olhar, entre o baixar a fronte e guinchar como um cavalo ao vento na areia. Nisto tudo, só me faltava mandar um crente a um tipo, ou a uma tipa estúpidas em bem calhasse, num país de caca em que eu acreditava muito mais do que eles, de barba bem o mal feita, que respondiam com coação física à minha ofensa verbal, apenas diatribe, pobre de mim, dar um selo num Navegante, num descobridor, talvez pudesse ir ter à Islândia, se lhe sobrassem no cú, talvez fosse ter ao Pólo Sul se lhe dessem uma marretada na nuca. Todos pensavam o menos e nem fodendo a torto e a direito chegariam a mais conclusões do que eu próprio. Afinal, cão que ladra, não morde, apenas quer a brasileira que tem e não tem ao mesmo tempo, ou seja, eu não tinha direito de ser racista quando sempre me haviam desconsiderado pela minha raça e origem, pela minha etnia e percurso, então já não era uma questão de antropologia nem de direitos humanos, porque eu acabo sempre por compreender, era questão de foder o juízo porque se fode, meter inveja,

ainda que eu não ligasse merda nenhuma a isso...Por isso muitos, não só portugueses, metem nojo e elas vão na esparrela, usam os sexos para meter inveja, nomeadamente aos advindos de padres, monges e seminaristas. Não saber estar! Falta. Não de escola, mas de um típico livro de qualquer coisa, um pouco de sentimento e valor ao Outro, quando se fala demasiado e pouco se faz, ou seja, faz-se muito, mas muito pouco em termos solidários, mesmo num governo de extrema-esquerda. Qualquer daí, convoco os Templários (AH! São daqui? Como? Da orelha? Daqui? De Tomar? Os portugueses, porque há muitos de muito outro lugar...)... Inveja, destilando o meu ódio por ser tão bom ou melhor do que muitos.... Agora, seria eu que teria de explicar ofensas várias que me fizeram desde os primeiros dias que aqui cheguei? Dei a ganhar muita fama e dinheiro a muita gente...mas com isso posso eu bem...Mas..tudo se explica...tipos e garotos, bebés, que nunca tiveram de emigrar para lado nenhuma, exigem repeito quando nem sequer são criativos e exigentes com eles próprios...racismo em relação aos emigrantes em França, no Luxemburgo, na Suíça, na Alemanha, na América...daaaaaa... o emigrante é cabaça de vento????? O que fica é mafioso, acintoso, machista, salazarento.... Muitos mama do turismo, mas não se apercebem que quem gozam com eles é quem pisa discreta e continuamente o seu solo, a troco de uns tantos dólares ou euros, ou ienes, chupando certamente de um fenómeno que é global, mas que, a meu ver, por aqui já cheira bastante mal...

A pouco e pouco ia perdendo a vontade, sobretudo porque me faltavam as forças. Talvez fosse um dia à América. Talvez ir representasse a morte por mimesis, não sei bem explicar. Assim, construía aqui uma vida e aprendia a ir para a cama mais cedo como forma de preservar a minha integridade física e psíquica para o dia seguinte. As coisas, quanto a uma possível conquista, estavam bera demais. Não aparecia ninguém compatível e eu interrogava-me, "quanto tempo mais ficarei sózinho?" Estava passando bastante mal e se é certo que conseguia ser feliz no meio de tudo isso, o apelo para ir para fora, para outros lugares, era bastante forte. Estava já farto de Riachos, a povoação que ocupa grande parte dos meus escritos, pela suportabilidade física e psíquica. Mas não tinha onde estar, que remédio, o que haveria de fazer? Fiquei, então, sorvendo um copo de vinho tinto, pensando nas variabilidades da vida nocturna ao redor de mim, rondando-me como um mosquito irritante enquanto suava até dormir...

Depois, nesses dias, comecei a questionar-me, não a duvidar, mas a questionar porque, essencialmente, estava só, porque não tinha nem dinheiro nem carro, nem emprego certo e oficial. Tinha apenas uma casa e que não era minha. Teria sido, até ali, culpa da minha? Deveria culpar a Filosofia? Teria-me esforçado de menos? Não creio. Mas também não via essas coisas aparecerem no meu futuro próximo. Há cerca de seis que não conhecia uma mulher, mas isso, curiosamente, não me deixava atônito nem revolta. Paralisava-me, como se a filosofia e a escrita fossem essencialmente tarefas de monge que não comunica senão com os seus confrades, a saber, naquela altura, a minha família. A minha irmã veio a meio da tarde. O meu pai deitou-se logo que acabou a novela, altura em que a minha mãe foi para cima com a pequenita. O miúdo ficou nos computadores quase toda a noite. E eu, aprendia um pretexto para me deitar. Não me sentia frustrado, fizera tudo o que poderia ter feito. Talvez, apenas, estivesse a nada no lado errado quanto aos outros e no lugar certíssimo quanto a mim mesmo...

De uma maneira ou de outra, não conseguia resolver o enigma entre filosofia e erotismo, talvez porque considerasse uma e outra coisa incompatível. Resolvera o enigma do suicídio e estava em vias de resolver o da prostituição e do pornô. Ainda estava a tempo de resolver o da eutanásia. Resolvera mais um ou outro enigma. Mas estava saturado de Riachos e seus palhaços que nunca saem daqui, enfim, devo controlar as minhas palavras, sobretudo para não criar mais inimigos. Sim, também resolvera o enigma do racismo e mais um outro de que não me lembro a formulação. O da violência doméstica ia a caminho, mas já falatara mais para o resolver absolutamente, em termos concetuais e filosóficos. Sim, não tinha dinheiro nem para ir até Lisboa e já pensava, ainda e insistentemente, em ir para ou a Nova Iorque. Feitio dana, o meu... Era assim, nunca mais poderia fazer trabalho de campo, embora os meus dias de estada em Lisboa fossem ou acabasse por ser qualquer coisa disso mesmo, entre os cafés de tipas antipáticas na estação do Oriente, mais ou menos, estou a exagerar, e as imperiais no aeroporto, entre turistas e negros turistas, como o meu amigo americano Antão, que vi no metro e com quem não tive coragem de falar,

pois estava à espera que ele me dissesse ele mesmo "Água aqui vai e vem". Julgo que até fiz bem não perguntar se seria ele mesmo, ou meu antigo amigo Antão...

O meu pai aparece com mais uma casa para comprar, mas eu não digo nada. Não é assunto meu, devia supostamente ser. Mas não é. Prefiro esta casinha e o apartamento de Lisboa. Esta terra nem uma licenciatura me deu. Porque eu nem sequer quis.

Mais tarde, resolvi escrever um pouco. O meu corpo estava cansado, bem como a minha cabeça, mas não me queria deitar por nada. Sentia certas pontadas e dores nas fontes, na cabeça, mais continuava a fazer alguma coisa, ainda que dolente e esquimórficamente condicionado, até o mau humor da minha mãe e o silêncio do meu pai. Que luta esta!...

A criatividade gera a infelicidade. Prefiro a bonomia. O quê? Alguma coisa depois de tanto tempo? Estarei sido deslocado de alguma coisa? Apenas não fui interesseiro, não me ofereço mais...é bastante raro encontrar um antropólogo na minha condição, reservado a receber da segurança social uma quantia mixuruca só por ter uma patologia psiquiátrica. Aliás, aprendi a não me preocupar com aquilo que não rende dinheiro e retorno. Aprendi a sofrer com falta de mulher, num mundo que nem sequer é o Purgatório, mas o vislumbre dele mesmo e, em certo sentido, em certo sentido, uma certa forma de céu, na insistência, no cálculo, na persistência. É o estarmos aqui que me preocupa, não a transcendência, o resolver problemas das pessoas, mesmo usando a transcendência. Filosofia...a especulação do lado criativo do homem, aquilo que escrevemos (em nossa defesa) depois de sermos humilhados por um familiar ou pela sociedade inteira, por falta de posicionamento estritamente social.

Entre New Order e Dulce Pontes entro na noite. Depois de arrumar alguns livros, procuro uma universidade em Espanha para discutir a minha tese, Sevilha ou a Complutense, em Madrid, caso falhe alguma coisa por cá. O problema é que não tenho dinheiro, mesmo que ela, à segunda, seja aprovada. Havia de cortar o cabelo, mas acho que, juntamente com a barba, me fica bastante bem. Estou num tempo complicado da minha vida, mas também bastante, admiravelmente, criativo e produtivo. As relações: o sal amargo da vida.

Mas...não há um especial sentido da Vida, nomeadamente da vida humana, nos termos de direção, não nos termos do conteúdo, significado. Ela vai...por aí e nós com ela, ela tem o sentido, ou seja, o conteúdo, que nos lhe vamos dando dependendo do nosso arsenal genético e cultural, sobretudo. Quando olho para a obra de Nietzsche penso que ainda tenho muito para dar e que o melhor, não só em termos de reconhecimento, mas de obra, está para vir, talvez não tanto quanto a torrente dos últimos dois anos, mas certamente com um pouco mais de sabedoria. Estava pensando em inscrever num doutoramento em Psicologia para obter bolsa e assim pagar o doutoramento. Ou noutra área. Vamos ver o que acontece. Entretanto, talvez vá daqui a pouco ao café. Lá estará Danny, que finalmente me ligou. Coisas da Vida.

Mais um raspanete da minha mãe. A torto e a direito, não posso dizer nada. Com uma agressividade feroz, vira-se contra mim a todo o momento, pois mais brando que eu seja. A minha irmã tenta ignorar-me, mas quando não o faz torna-se também bastante agressiva. Vou aguentando a situação. Posso superar tudo isto, funcionar como se agisse por contradição. Mas não há apoio. Ser antropólogo é ter um peso que ninguém mais quer ter e não receber nada de especial por isso a não ser alguma atenção. Coisa que se trabalha. O engenheiro com quem tive uma altercação riu-se à medida que eu passava pela lingrinhas da mulher dele. Vai dar-se mal. Ofendeu-me chamando-me diversos nomes, mas também eu lhe chamei. Foi errado da parte dela, chatear um vizinho, ainda por cima filho da pessoa que lhe vendeu a casa. Triste, isto...Parece que está tudo contra mim. Também Manu deixou de me falar. Passei por ele no café e anda me disse. Face à finitude, implícita nos seus próprios actos imperfeitos, o homem nada é. O homem escondido por detrás do homem inexistente. A cultura americana está cheia disso. O homem é essencialmente adaptação. O que penso existe. Só isso existe.

Cheguei de novo a Riachos. Como que tinha o desejo de sair, enquanto personagem principar, das mãos e dos pés de mim mesmo, com que palmilhava vezes sem conta o mesmo território, num considerável esforço de auto-motivação. Afinal, talvez a vida seja esse esforço, esse esforço, e essa corrida de regresso ao ventre da mãe e da semente do pai, tanto que vai para a frente que retorna a Si-Mesma, mais daíente, onde já estava à espera antes de ser concebida. Ali, a meio do calor intenso e agradável daquele dia de Agosto de 2018, ouvindo Brigada Victor Jara, fumava um cigarrito pensando na minha brasileira, como se fosse Maturette, o companheiro do Papillon na Guiana Francesa.

Sim, o antropólogo é um inocente descrente que tem tudo mas não tem nada, por isso a sua posição não é brilhante, nem a sua prosa pura e literariamente premiada. Porque ele não precisa de mais, faz tudo como se fosse a maior das ciências, como se fosse filosofia, das ciências e das artes, com uma perfeição que roça o genial, mas sem o ser, o Ser, que roça a ciência mas que no entanto não o é, sendo apenas e tão

amplamente, o Homem em ação...

Sim, o homem total, mas esse é o homem ocidental, que todos, mesmo os mais pequenos, desejam ser, mas cuja dispersão, por uns e a exatidão que cega, por outro lado, não chega "Lá", ou chegando tem de voltar para trás para ajudar os outros. Mais por mais, até pensei que não, a resposta não estava nas mãos da filosofia, sobretudo quando a minha mãe me chateava. Tinham passado dois dias e apenas fora ao Café da Fonte comprar um Denim, pão, um pastel de nata. Sim, a mãe voltou a gritar comigo, aliás, já estou habituado, a minha irmã faz igual e o meu cunhado vai no encalço. O meu pai? Esse não diz nada (não é Denis?), não incomoda, a não seja que estejamos deitado na cama e pouco perto deles, sempre foi um intratável e inflada, tendo não ir por ela, o que não será fácil, pois estive muito tempo perto dela e recebi dele várias nevroses (não pode ver seringas nem saque, é alérgico ao fumo do tabaco). Cada vez, dizia, que discuto com a minha mãe, dá-me vontade de ir até ao café, mas lá nem sequer nisso falo, esqueço e volto a ser simpático. Depois de toda esta padecência, quer nos deixava a todos de rastos, comecei a trabalhar num tema particular da filosofia, a filosofia do humor...

Ninguém que o teu altruísmo literário, porque há sempre essencialmente que pensa como tu, que ora te desafia ora te quer seguir. Por isso, dever estar mais do que cansado, descansado, será por isso que marcaste, marcar é bom, não queiras ficar esquecido. Espera, aprende a esperar, a calcular, não há problema algum com isso, mesmo nas relações. O mundo é daqueles que esperam, não se confundindo isso com fazer alguma coisa...Enervava bastante o meu pai não se dar conta de certas coisa, aliás, eu creio mesmo que nem em Riachos nem em Lisboa há soubesse o que se passava comigo, mesmo a minha irmã a minha mãe. O meu irmão talvezse umas certas luzes, pois éramos quase gémeos. O mesmo acontecia entre mim e a minha irmã. Mas esta birra do meu pai, só porque levei uma vez o Mercedes para Lisboa sem lhe pedir autorização, uma série de chaves, de lhe ter levados umas notas e moedas antigas, lá ficou ferido, isso não há volta a dar, nem que mexam meio mundo por ele. É como a minha birra com as faculdades e a fobia dos lugares, enquanto outros preferiam

lamber botas, dissertar sobre coisas que os autores estrangeiros haviam escrito e frequentar os mesmos sítios malcheirosos vezes sem conta. Aliás, pensavam tanto, uns e tão pouco outros que ora ficavam deitando fumo e não chegando a nenhuma conclusão, enquanto outros entregues a uma voragem idiossincráticas que só eles mesmos compreendia. Nunca havia compreendido perfeitamente o conhecimento do senso-comum, mas lá chegava aos poucos, pois também eu tinha disso alguma coisa. Era para satisfação pessoal no momento imediato, como numa corrida de barreiras. Era esse o mecanismo, viver o momento, não dar contas a ninguém que não fosse para o inútil regabofe de café. Estava, aliás, bastante precisado disso. Entre outras coisas...

Não tinha nada de especial contra o meu pai. Mas, como outros, estavas sempre mal-disposto e eu era também um pouco assim, ao menos no dizer do meu irmão. Mas...a ver-me ao pé dele e sabendo que eu passava mal em Lisboa, fome de todas as merdas que já contei, não tinha o mínimo de sensibilidade para me emrpestar um carro para fazer alguma coisa. Era preciso encher o depósito todos os dias? E a minha mãe tolerava isso. Pareciam uns sádicos, que queriam que tivesse atrelado a eles em casa. E muita gente sabia do que se passava e não dava uma palavra, um apoio, um sinal, nada...nada! De modo que decidi esquecer tudo por uns tempos e fui dar uma volta de bicicleta... Assim, falei diretamente com Brígida, Danny tinha a janela aberta de manhã, à tarde fechou-a, fui até ao Café Barrio e lá falei com ela, pareceu-me bastante stressada, disposta a uma massagem da minha parte, mas eu despachei-a, *neste bar não se joga para ganhar*, como diz a canção. Lá vi o Colinas, esquivei-me, à saída, de lhe mandar uma boca. Creio que a partir destes dias ele aprende a ter mais respeito, julgo que não me vai voltar a encarar de frente, muito menos o Danny...

Estava assim apegado por poucos dias a uma vida, mais que rural, campreste e desejoso por acabar mais um livro, intrigado cada vez mais pelo gosto da vida, levantando-me por ora mais bem-disposto. Mas a idade ia avançando, os dias passando e a falta de resposta sobre a tese ainda estava por surgir. Acrescentei um novo projeto, *Uma Filosofia do Humor*, enquanto esperava por resultados de vários outros. Se eu fosse bem a vez, nunca vira um tipo ser tão gozado quanto eu, mas eue

estava separando-os a pouco e pouco e a vencê-los a pouco e pouco, repartidamente, no lugar onde mais poderia dar certo -na minha cabeça. Coisa que nenhum deles fazia, talvez Danny, mas mesmo assim não sei bem. A tipa do apartamento ainda apareceu à janela com uma câmara no intuito de filmar alguma coisa, achava engraçado, a garota, mesmo depois de um casal amigo da Suíça ter colocado o carro no lugar da nossa garagem, como extrema provocação. Mas eu esqueci o assunto, assim como outros...

Procuara, esperava, desesperada, cores na cabeça, os talos do cérebro a rebentarem, os veios das fronteas quentes como vides com vinho por dentro, sei lá, ardoroso e suado na cama, voltei às corridas, agora impunha-me correr perto de uma hora de dois em dois dias, beber bastante água e coontinuar a minha jornada, de uma maneira outra. Mas a minha cabeça estava sem dúvida na América. Ia alimentando essa ideia. Alourei o cabelo, o que não se notava muito devido aos bastantes brancos que tinha...

Os problemáta da felicidade teria essencialmente a ver com a ideia de que esta resulta de um esforço, de um escorço, por vezes ingente, mas não, ela dependa, na maior parte das vezes, assente numa certa forma de burrice ou estupidez, parvoíce, até, ou seja, ela umas vezes vem ter connosco, outras basta estarmos no nossos lugares, ela está mais perto do que imaginamos, a maior parte das vezes, então porque fugir então? Paciência, espera, um pouco de dor e sofrimento....mas, nesta vida, o que não custa a conseguir? Senão, mesmo em relação ao problema da fé, não teria muita coisa sentido. Sim, existe um paraíso na terra. Nada é ao acaso.

Deixei de pensar negativo, se a minha escrita tinha um dom, se tinha a ver, de uma maneira ou de outra, com o mundo, fosse o mundo do senso-comum fosse o da filosofia, alguma coisa faria sentido mais adiante. Tinha um edifício para comprar para a minha universidade, um título académico para receber, um projeto idealista de âmbito nacional, projetos literários sempre um voga, sempre em curso, ao correr da pena, e cada vez mais uma arca de Noé que se abria em termos mais ou menos antropológicos e uma caixa de Pandora de filosofia que se disreiteava a si mesma no meu espírito a quase todo o momento. Apenas precisava, mais uma vez, um vez mais,

de um pouco de dinheiro. Então, fiquei-me na ouvir a música dos Xutos e nesse dia nada mais escrevi. Estava demasiado só para tal.

Então, as coisas começaram a fazer imenso sentido. Comecei a pedir financiamentos, públicos e estatais, para a minha universidade, pensei em fazer isso mesmo na América, onde já tinha uma diversidade de coisas para fazer. Comecei, desde a Estação do Oriente até Alcamen, a pensar no que havia de levar na mala: uma câmara, um cagalhão falso, bem enrolado e desenvolto...por fim, um pombo morto com uma mensagem dentro do estômago: "you've fucked America!...", mas, ao ver que não tinha mala alguma de jeito, pensei numa tirada menos ofensiva e acentuar a minha atenção, enquanto os tipinhos inúteis da rádio gozavam com o assunto, acentuar a minha paciência infinita para não me chatear com bocas de gente reles, que olhava mais para os outros do que para eles próprios e disso fazia tese. Eisa o tempo em que tu percebes que o verdadeiro inimigo é o leitor. Então, deixas de escrever. Depois disso ou de outra coisa, fiquei lembrando o *rally paper* na escola secundária, Os Mesquitas, que ficaram em décimo terceiro lugar quando eu pensava que teríamos ganho. Pura ilusão, quem ganhou foram Os Garganeros da Redinha -pesadelo toal,, deslusão, há sempre alguém com espírito capitalista, que não conhece nem estudou o sistema, mas o tem na sua cabeça e ao fim e ao cabo o quer desmotar e usar em proveito próprio. Ofenderam-me profundamente, este tipos, ao recusarem uma tese minha, eu, logo eu que já deveria estar na América, enquanto impera ainda a lei do senso-comum, mas enfim, o latim nem sempre foi eudito, a merda espalha-se mais rápido do que o perfume, que o figam muitos ciganos que agora, em Lisboa, em vez de venderem relógios e outras merdas, continuam a vender droga e...veja-se, perfumes, perfumes franceses, sim senhor, em plena rua, onde eu faço a minha antropologia au-delá de toda a comunidade científica mundial. Pouca vergonha, ainda por cima a usar o dinheiro da minha família para fins filantrópicos. Hoolywood uma merda...

Muitos fazem muita coisa e voltam para trás, encontrando um certo muro. Outros saltam o muro. Outros nem lá chegam e ficam contentes em serem espetadores. Outro lutam sózinhos contra o regabofe geral. Outros nem conseguem ver muro algum. Outros, são mais precisos, calculam toda a merda e passam uma vida de merda. Outros aprendem com os erros, sobretudo a não confiar no leitor, que é mais traiçoeiro do que o seu leitor. Ainda que este não lhe faça justiça alguma. Sim, eu aguardava o dia em que o Colinas que iria falar alguma coisa, tentando falar comigo, ou mesmo ou Danny, ou o Tó, ou Laica ou o Rebinbónó. Nenhum se atreveria a falar-me. Tinham todos medo do mundo que eu representava, não à margem, mas acima da Lei. Se tivesse dinheiro, já me tinha ido embora, mas continuava confiando nos homens que haveriam de morrer antes de mim... De algum modo, senti-me expulso daquele café...daquela aldeia, mesmo tendo lá passado a infância e parte da juventude...

Uma conclusão após vários dias de reflexão: por mais que nos custe, o segredo de uma boa vida social reside na boa conduta e no bom discurso. Aliás, é isso mesmo que a antropologia estuda, quando relacionada com o costume. O Outro por Si-Mesmo, o objecto de estudo da antropologia. Custa tanto falar do Outro quanto de Si-Mesmo, parece que a Filosofia fala apenas do Si (Mesmo), enquanto a antropologia fala do Outro. Por mais que custe, o homem da escrita está do lado de cá e do lado de lá do muro, tendo como que algo parecido ao dom da ubiquidade. Não é omnisciente todo o tempo, tem a sua reserva mental, a sua moral, a inspiração custa, um só traço de personalidade pode levá-lo longe, mas ele prefere antes estar do lado de cá da barricada e feliz, numa vida calma e modesta, apreciando as coisas simples e boas da vida, talvez um pouco longe das mulheres e de quase tudo, perto de Si-Mesmo enquanto Outro...

De modo que o meu corte epistemológico (ou link epistemológico) tem a ver com a ideia de considerar a Antropologia Filosófica como uma ciência que tem o seu método no trabalho de campo etnográfico. Uma antropologia social filosófica. Será então a antropologia uma ciência auxiliar da filosofia, como a arqueologia o é da história? Não creio, há espaço entre a filosofia e a antropologia, incluindo a sociologia, para reflectir sobre o homem social em termos filosóficos a partir de dados empíricos.

Nesse dia de verão, passava o dia mais quente desde há quinze anos, o meu pai havia saído para visitar o seu amigo canadiano. O Mercedes lá estava, com a chave na ignição, do lado de cá do pedaço onde estava o Dico e os porquinhos da Índia... Tinha algum receio de regressar a Lisboa, sentia-me carente, falava com uma ou outra miúda no site dos encontros, mas nada parecia resultar e eu deixava-me andar à deriva pelo quintal, falando com a minha mãe, mais ou menos preocupado. Fumo um cigarro; penso em terminar *O Vôo de Saint-Éxupéry* e *À Espera de Samuel*. Um pouco bloqueado, chateado de estar por casa, farto de ler, o meu interesse parecia por vzes desvanecer-se, ao mesmo tempo que eu o procurava propulsionar. Talvez precisasse de um agente literário, de muita publicidade, embora soubesse que a minha imagem era positiva quanto negativa ante o público, principalmente no Brasil.

Uma mónada com uma força invencível, a girar radialmente em progressão, dotada de uma velocidade estonteante. Assim, protelava um regresso a Lisboa, talvez para passar em Riachos mais um fim de semana, ponderava certas coisas e descansava a mente e pensava: "Puxa, toda esta solidão será resultado de coisas notáveis que tenho feito, ao nível da filosofia, ao nível da escrita literária!..." E descobri no baú novos originais, quando sabia que a *Teoria Social* (ou *Teoria Geral da Sociedade*) havia começado há mais de vinte anos, três grossos volumes escritos na Messa... Fui ao armazém e tirei, depois de estar com o Tico, uma garafinha do vinho tinto Alinha, que saboreava enquanto ouvia Barclay James Harvest....depois, Alan Parson's Project...

Cansado, pensando de vez em quando na tipa que havia estado um mês lá no quarto que tenho para alugar. Pensaria que a minha casa seria uma espécie de motel, queria estar independente, sem me dar conta de nada. Logo, no primeiro dia, começou a falar com alguém pelo telefone, suponho que com a mãe, sobre o lixo, em vez de falar comigo, o que me pareceu bastante estranho e deveras irritante. Ora, para ter sob minha alçada uma pessoa, que nem sequer havia pago a caução, que nem sequer falava comigo, a quem eu dava cigarros e cheguei a dar dinheiro, que quase nunca queria a minha ajuda, tendo eu feito os possíveis para criar empatia, podia vir a ser bastante insuportável, pelo que achei melhor mandá-la embora três dias depois de fazer o mês... A brasileira nunca mais dera notícias, mesmo tendo levado as chaves, mesmo tendo eu ligado e enviado diversos emails. Gastara um dinheiro tentando recuperar a fechadura antiga, tentando proteger-me de uma entrada dela, partira um vidro, e ela rebentara com uma fechadura, a da porta do quarto para alugar... De modo que comecei a pensar melhor se havia de alugar a mais alguém, pelo menos via internet...

Ia ao café e ficava ainda mais doente, não ter com quem falar, amigo ou namorada, não ter com quem desabafar e bastava um das habituais reprimendas da minha mãe para ficar ainda mais doente, pensativo, cansado. No dia seguinte, partiria para Lisboa. Mais uma vez, chegado a Lisboa, preso a mim mesmo e à minha subjetividade. Não percebia bem o que se passava comigo, não conseguia dormir, estava extremamente inquieto, sobretudo, sentia-me só, precisava de alguém com quem conversar e de certo modo tinha receio de sair de casa, medo, isso, sim, medo, muito medo, como se pudesse alguém perceber o que se passava comigo e eu não o pudesse esconder, em meu rosto, minhas feições, discurso e atitude. Sem libido, era insuportável, com libido não era pior, mas lá estava perto, essa inquietação que tentamos controlar adiando-nos, a nós e à nossa afectividade, efectividade, para o dia seguinte, um após o outro...

NEURA TELEPÁTICA

Noite estranha, tive de tomar mais Quietiapina, de manhã pior ainda, andei às voltas com alucinações do mais diverso teor. Sinto-me extremamente só, procuro combater esse sentimento mas é pior, bem como as obsessões, eles acabam por voltar com mais força. A minha mente é, neste momento, um pêndulo: vou/não vou às meninas...Para lá, para cá, como um pêndulo, sentia a morte rondar-me, no entanto, depois de tanta chatice, estava ainda vivo...e não era para estar? Conclusão: nem o Vitor nem eu fôramos jamais gay, teríamos sido platonicamente, como todo o homem precisa de amigos e desabafar com eles, mas na prática raramente fantasiávamos com coisas próprias dos gays. O certo é que as meninas não se aproximavam facilmente de nós...enquanto eu escrevia *Curvas Apertadas*, saíamos à noite em grupo e um e outro arranjavam miúda, menos eu e o meu irmão...

Fazia calor e eu dei um pequeno passeio pela avenida principal de Moscat. Levante algum dinheiro e comprei tabaco. Era sempre a mesma receita, um maço por dia. Estava bebendo menos, mas ainda assim dei mais de quinze euros por um licor de nata, uma versão típica do famoso Bailey's. Pelo menos tinha o mesmo sabor. Por vezes pensava, nestes dias, em escrever um livros sobre as minhas aventuras e desventuras com as mulheres. Também pensava em organizar um *Dicionário de Antropologia*, mas estava já longe dela, sobretudo naqueles dias em que via o sexo como meio de chegar a um certo bem-estar, depois de dois dias do mais pleno delírio e sofrimento em solidão, fechado em casa, sem reacção alguma a alguns estímulos, esperando que alguém me dissesse alguma coisa, alguma palavra. Sim, a dois passos de casa, a uma distância bastante curta, estava alguém que, em troca de trinta euros, me levaria para outro tipo de sentimentos. Eu estava deprimido e fora desde a altura em que começara a beber, a um ano desde aquela data, aquele verão de 2019... Passaram-se anos, desde há mais de dez anos que nunca falara abertamente com um cietista social ou um filósofo. No entanto, estava fazendo algo nesse sentido. De quando em vez ainda ia à FCSH ou às Letras, mas era raro, a maior parte das vezes

mal saía de casa e nisto saía à minha mãe, certamente, mas também ao meu pai. Sim, a minha mãe dizia isso a toda a hora, "isto dura há vinte anos". Sim, foi quando comecei a estudar filosofia, depusitei todo o meu empenho e confiança nesta disciplina e...que ganhei eu? Como se pode aquilatar o valor de uma área de estudo? Se, por um lado, tenho uma reputação a defender, por outro isso não me traz proveito algum, pois muitos passam pelos pingos da chuva, enquanto eu ando à chuva e molho, com um sofrimento imenso e intenso para conseguir alguma coisa, a maior parte do tempo sózinho. Sim, depusitei muita confiança, numa entrega total, a certas pessoas com quem não troquei mais do que breves palavras... Assim, estava, em última instância, dependente de um projeto intitulado "O que é Ser Português?", para o qual solicitei uma avultada quantia que não posso precisar. Enfim, o meu doutoramento estava a curto-prazo dependente desse financiamento. A neura enteléquia, cinemática, continuava a grassar no meu cérebro como um parasita, que se inatalara na mente para me lixar o juízo. Não tinha descanso, mas sabia que poderia acontecer alguma coisa de muito importante para mim...

LUZ, À TARDE

Depois, percebi que quanto mais escrevia, mais só ficava, não havia muito mais a contar sobre aqueles meus dias solitários, mas ainda acreditava no amor, embora fosse bastante frustrante chegar a casa e ter de abrir as janelas todas para trás para aproveitar alguma luz depois das cinco da tarde. Depois disso tudo, estava num estado de raiva quase irreprimível, a minha irmã parecia ser a minha maior inimiga, muita gente devia dizer mal de mim a ela, o mesmo faziam outros em relação à minha mãe, fui buscar uma receita para ter comigo alguns medicamentos, mas a médica insistia quem tinha de ir à consulta, um círculo vicioso, ou seja, escrevia escrevi, dava dava e nada recebia, mas pronto, cheguei a um ponto em que era senhor do meu destino e podia fazer o que quisesse e, de certo modo, era já uma figura pública, sabia bem disso. Havia muito quem admirasse o meu trabalho, a minha actividade, o meu pensar. Por momentos, estando quase sufocando em casa, apeteceu-me ir até Riachos, sempre o mesmo Riachos, sempre o mesmo comboio de há mais de vinte anos, desde 89. Sabia que o segredo do meu sucesso seria não embandeirar em arco, por tudo o que tinha passado. Telefonei ao meu irmão e acalmei, telefonei à minha mãe e falou a pequenita...

Depois, percebi que, na vida, nada há mais importante do que a tentativa de preencher o vazio que há sempre em nós enquanto humanos, desde o berço até à morte, estamos sempre carentes, desejamos sempre ser preenchidos ou preencher, depende do fato, da ideia, de sermos activos ou passivos. Defendo que ninguém, por mais observações filosóficas que se façam, por mais trabalho de campo arqueológico ou antropológico que se desenrole, ninguém é passivo toda a vida (espetador) nem activo toda a vida, porque tanto uma atitude, um comportamento, um discurso como esses, cansam quanto são impossíveis de manter, porque o ser humano quer sempre sobreviver, nem que seja, como actor de uma novela ou um cultivador de vinhos. Depois, há a parte cómica, que eu nem sei bem porquê, nunca desenvolvi grande coisa, sempre fui um pouco rastejante demais, talvez até sério demais, talvez porque

partilho do medo que todos temos do fim, de desaparecer, de perder a voz... Alguém tinha de ser o Sombra, mas enquanto sombra sou bem mais luminoso que muitas iluminações de Natal...Tudo isto, toda a minha circunstância, fazia enorme sentido e tudo se conjugava para que eu, meia volta, aparecesse em Nova Iorque, numa qualquer resita de modo ou coisa-nenhuma-situada na minha mente sempre além e instante, no degredo da existência de mim mesmo, na carência do corpo que se sente depois do sexo, antes e nunca faz sempre sentido quanto dura, quanto dura e nunca mais aparece nunca mais dura, e a verdade virá um dia nascer em Portugal aos solavancos, numa qualquer engenhoca, engrenagem, numa qualquer geringonça que até satura, porque dá dois passos para trás, comos e fora filósofa e poeta, precisando de dar adiante mais dois ou três e assim vai avançando. Sim, é apenas um homem, ou uma mulher gorinha, desencavada, desarticulada. *Et pur se muove...*

ESTIGMA DESTI(O)LADO

Que faço eu para ocupar o tempo? Escrevo, penso nas inúmeras possibilidades de existir e do *dasein* que é estar carente de afecto e resistente ao senso-comum...

Paciência, solidão carência, todo esse espaço em branco que o escritor empreende, compreende, surpreende e embora não vendendo grande coisa, continua a sua aventura do espírito, sabendo bem ele que há o mitema da consciência humana de que aquele que corta a meta é o maior de todos. Não é, depende, tudo é relacional e a vitória num momento pode significar a a derrota noutro tempo, noutro campo, noutro lugar...

Já me chamaram anti-social, esquizofrénico, maricas, tudo e mais alguma coisa, porque tudo se orienta pelo falo, sendo que nada se compara ao fracasso do macho após tanta e tanta interação. Sim, mas eu vivo só há bastante tempo e sou capaz de sair a meio da noite de casa só para beber um café, tenho tido algum medo mas não o suficiente para fazer rir algumas pessoas que se cruzam comigo, portanto há aqui algum sentido cómico da coisa, sendo que não me intrometo obrigatoriamente em todos os campos. Ah! Autista, já me chamaram isso, a minha irmã e as amigas delas, mas tenho feito um percurso assinalável que não é de apenas há dois, três anos, tudo culminou nisso, é certo, mas ao mesmo tempo faço terapia a mim mesmo ao fazer estas coisa, fora aquela que faço aos mais diversos médicos que me atendem e entendem, fora a medicação, fora o Victor, que se foi, fora Ernst Jünger e outras que mais, tantos mais e eu retido no meu casulo urbano à espera de uma dama, não sabia bem qual nem de que planeta desta *Constelação dos Macacos*... Parece-me que anda tudo mais ou menos fazendo as coisas para inglês ver, sendo que as coisas que faço ou fizer não pretendem impressionar muita gente (às tantas até pretendem), mas a mim próprio e é o que levamos desta vida, um rol de queixumes e coisas correntes corriqueiras... Creio que os grandes problemáta da filosofia têm a ver obviamente com a noção de mundo, ninguém faz grande filosofia de barriga vazia, mas, a meu ver, a questão essencial da relação entre o sujeito e o mundo (que é ele mesmo, em certo

sentido), tem a ver com a noção de Belo. O Belo tem a ver, antes de mais, com o rosto, e Portugal é o rosto da Europa, quando visto da América (de toda a América e sobretudo do Brasil; obviamente). Mas, em termos geográficos, de paralelos e meridianos, estamos a um nível de Nova Iorque, e isso faz dar sentido, confere, a um *Lisbon State of Mind*... uma forma de existir e persistir que não existe em mais lado nenhum e é tanto "daqui" quanto é "produto" exportável, essa ideia da universalidade portuguesa que nos faz estar "em casa" quando estamos longe, não só em Paris ou Frankfurt, ou no Cabo, mas em qualquer lugar do mundo, por isso a minha tese é que ser português é, antes de mais, **estar em casa, sentir-se em casa**... O mesmo sentimento encontra-se em Barcelona, bem aqui perto, mas também em Paris, posso garantir e, obviamente também se encontrará em Londres, Nova Iorque ou igualmente, sem dúvida, em Kiev ou Moscovo. Assim, ainda, depois de ter ido ao cú de um travesti, melhor, digo por respeito, já seria em todo o caso mulher, pelo menos era isso que ia na minha cabeça, porque o buraquinho era, em certo sentido, bem mais agradável do que uma pachacha muito frequentada, que na minha aldeia se diz muito "alagada", e não é que fiquei a pensar na gaja, no gajo que estava como que se desvanecendo da minha vista ao mesmo tempo que mamava com toda a propriedade cá o je? Fosgase.. como diria O Paulo Valverde e o Victor Domingues, até acho mesmo que o principal interesse da vida (social, em redundância) são as relações, mais ou menos sexuais, mas tudo vai ter ao mesmo, sendo que mesmo o Papa ou a freira mais sante (como Santa Teresa), têm a sua sexualidade, mais ou menos sublimada, segundo o ponto de vista de especialistas da mente como os psicanalistas, por exemplo, mas também bruxos. E eu estava...nesses anos, no país perfeito para isso, não sabendo que em breve as coisas se iriam alterar, por um lado para pior, por outro para melhor... mas não sei como, nem porquê...e isso interessava? Nesse particular, estava deixando de ser cientista social, porque naturalmente faltavaara mim, eram as quatro paredes do meu habitáculo contíguo ao meu desejo e a rua, onde encontrava, mais ou menos conhecidos, diversos intervenientes na minha vida e nas dos outros.

PROLONGA(N)DO TRANSE

Mas eu não dizia nada de muito novo, como é apanágio das ciências sociais, é sempre a mesma liorna para trás e para a frente, nisso a minha velhota tinha razão, é um verbo de encher, mas em todo o caso, Quine já tinha razão ao colocar tanto o problema cultural no sentido da ontologia (como aliás defendia Borges nas suas aulas) quanto em termos de realtividade, ou seja, um discurso muito à direita não fazia qualquer sentido (intelectualmente falando) quanto um discurso demasiado à esquerda, ou seja, estávamos numa dimensão relacionar que planteava de modo mais ou menos diverso, mais ou menos adverso, os seres, mais do que as culturas ou as sociedades. Essa seria a grande fronteira, não tanto o corpo, porque esse era desenhado volatilmente um dia atrás do Outro... assim se podia elidir (pelo menos teóricamente) o fantasma do racismo e outros, ou seja, vendo os seres na sua realção entre eles, umas vezes separados uns dos outros, outras aos encontrões, como no Metro mais ou menos madrilenho, exatamente como mónadas, ou seja, nos termos de uma sociobiologia (mais objectiva e menos especuladora, especulatrix, mater, matéria) ou de uma etologia. Ou seja, a biologia fazia sentido em termos de uma antropologia que respeitasse as diferenças culturais no contexto do estado-nação. Isso seria ser português, pelo menos em termos de futuro... a meu modesto ver e parecer.

A vida (humana e de todos os géneros) tem valor, mas, por outro lado, pela experiência (Taylor, Lienhardt), tem um valor relativo, i.e., relativo a Si Mesma (na perspectiva do sujeito) e realtiva aos outros, daí a teoria da relatividade de Einstein quando aplicada e implicada com as emoções. Portanto, nem tanta religião nem tanta profanidade, nem tanta assim moralidade, pois que o mais difícil é mantermo-nos no centro, na linha da fala intermediária, porque o amor, a paixão é, em certa medida e mesura, um exagero, o teatro e toda a arte o é, a não ser a psicologia, que na maior parte das vezes inclina as desordens e afeções humanas para a libido (espertos, os psicólogos), ou então para o trabalho, os compromissos sociais, para uma certa ideia

do homem e da mulher enquanto operários de um futuro comum risonhamente...também Salazar defendia isso, entre outros...por isso, prefiro acantonar-me um pouco junto da esquerda, ora virando mais à esquerda (em termos de ultrapassagem), ora virando à direita (em termos de estacionamento e circunstância), conforme os ventos, porque nesta vida, todos andamos mais ou menos a navegar e dependentes SEMPRE de um fator externo a nós mesmos. É isso aproveitar viver, combater o egoísmo, porque é dando que se recebe e não há nada de interesseiro nisso (as críticas? Bah! São apenas o efeito das nossas boas acções) e, tendo em conta esta curta vida, a conclusão a que chego é que ela é demasiado curta para não se fazer o Bem... Um das minhas maiores e mais importantes teorias é a seguinte: num governoi absoluto, a liberdade não é absoluta, num governo democrático, a liberdade assim o é, pelo que a responsabilidade é bem maior, ou seja, a liberdade é algo de construído e não Dado, em tese, nem que seja ali ao lado no casino,m há um inércia e umna inacção, uma falta de sorte que é preenchida pela enxurrada senti-mental mais adiante e perde-se toda a noção de uma lógica qualquer, quanto mais não seja meramente académica, é como que o resultado de uma retórica para-lamentar, ou seja, poderei não ter vivido grandes momentums ou êxtases, mas aqueles que tive fizeram de mim um melhor ser humano, mais altruísta, embora nesse dia não tenha dado esmola alguma, talvez por causa disso...guardei um pouquinho para mim, porque afinal poderia ter sido padre e ainda aproveito alguma fé daquela que me resta e isto não é só palavreado, é a voz do operário (seja, da Lisnave ou de todo o resto restante do Império Português), em todo o lado vês pessoas A FAZER, porque então nbão fazes também, porque reflectes tanto (és alguma raio reflector?), o mundo está sempre a fazer, daí o *surplus* filosófico de um Henry-Lévi, uma consentaneidade de um Mário Grilo e do tipo do cinema, o Tiago, que agora sobrevive em mim e eu nele, numa raíz ternamente telúrica que abriga muita jovem que precisa da respectiva iniciação e que daqui não tem senão palavras, porque...afinal, sou e não sou em mesmo à procura do eu mesmo que nunca serei, nem depois de três ou quatro vivas mortas...enquanto eu desgraço, tipo serial killer dos espantalhos onde se caçavam

com visgo inúmeros passarinhos e eu com um berlinde assassinava uma toutinegra em seu território, alguma coisa foi feita, e elas gostas dos que se comprazem, quando vêm nossos vórtices cerebrais arqueando ante suas mamas, chegam-se para trás, porque afinal não faz sentido a comisseração, olha, corre, faz desporto, desdobra-te, imita Pessoa, esse é o segredo da felicidade e assim, ainda assim, contribuis para a sua imortalidade enquanto segunda vida, segundo Deus que por vela, eu digo isto porque afinal, tendo acreditado desde cedo n'Ele, enquanto outros fodiam como cães, ainda me aguentei ao tempo de dar uma ou duas maçãs que estão para ser geradas no ventre de um música do acaso, reminiscência de mim mesmo e articulação no vórtice da volição, assim hás-de ir desta para melhor, pois não tenmho pêjo em deixar cá borradas destes e doutra sorte, pois a minha felicidade resume-se a pouco, a alguma ou pouca felicidade e nisso, na imaginação e no romance, está o segredo...do quê? Do que eu e tu somos feitos, dop trabalho, que não se teve mas que não raro se encontrou na cabeça, no pensar, no falar e em algum fazer, fazer esse fazer tão próprio do capitalismo, diriam Marcuse, Duvignaud e o outro a que se refere uma antiga colega, isto dos autores tem que se lhe diga, enquanto os esqueces e fazes o teu caminho, percebes que mais valia teres ficado "dentro" deles, acamado às academias, às discotecas da moda, e enquanto sofres como Kafka ou Artaud, percebes que nada é assim tão importante quanto o Nada, mesmo e inclusivé na perspetiva nietzscheana, porque um dos grandes segredos de alguma coisa de humano está, desde já, em perder, daí tiras conclusões para ti próprio e te eximes de loiras burras, te eximes deste mundo e desistes, ainda que vivendo neles, transformando-te num rei...hás-de cá vir ao Papá... E, nisto tudo, pensava no arrombo que a nossa sociedade tinha tido, como se o maremoto depois do 1755 tivesse já acontecido (fagase...), cada um tem o que quer, como no supermercado, mas, hellás, tem de pagar por isso, pela realização dos seus mais selvagens sonhos, algures terei perdido o Norte (mas quem disse que eu não seguiria para Oeste, como diz a canção do Pet Shop Boys?), e ainda assim, lembrei dos Sétima Legião e de não puxar pela imaginação em nome das mais diversas assignaturas mentais-institucionais, por isso e por tudo o (de)mais, lembrei-me da

canção dos Ban, "surrealizar por aí (i)... assim, desisti de toda e qualquer *vendetta*, porque isto, este país e esta maneira de ser, nada tem de mafioso, ainda que aprecie a redentora paixão mafiosa, sobretudo em certos filmes, é mais um largar, um deixar ir a ver o que dá, como que uma confiança que está fora de nós, bastante além de nós, como se ele sexto elemento fôssemos nós mesmo fora de nós, coisa que muitos actores sabem fazer e ainda bem, nada contra... Sim, um Rei da tua quianta , do teu Ser, da tua propriedade, sem precisares de ser autoritário e de provares e todo o momento o que, nisso reside em certo sentido a felicidade, do estar vendo televisão e comendo pipocas, sendo tu o dono, pelo menos do visor que te leva ao mundo numa voz com retorno, na potência de ti mesmo enquanto descentramento do Ser, porque o ser é, quase sempre, mais feliz fora d'Ele Memso, como o próprio deus que o Deus maior enviou, sendo que tens sempre o animismo africano, aí encontrarás sempre e mais adiante de Ti e dos Outros, outra forma de desnivelamento, aproveitamento das matérias humans e minerais, tal Stanhold, que se embebeda só porque procura uma satisfação além dele mesmo com outr@, ou seja, ser ele mesmo noutro, mas, como diria Sinel de Cordes, seres tu mesmo noutr@ ou sendo tu mesmo possuindo outra que te deseja por queres ser tu mesmo, o que tu és enquanto homem com uma determinada potência para a verdade das coisas e das ideias. Nisto não há lucro mas há um certa verdade para usufruto de toda a gente de Bem.

UMA QUESTÃO DE VERDADE (QUASE VERDADEIRA-MENTE)

Enquanto isso, descrevendo o que seguia no meu espírito, atrás e adiante, para trás e para diante, conhecia uma jovem particularmente bela e que queria algum intercuro comigo, enquanto o jovem, num aspecto competitivo, comprava três cervejas de litros, mascarando pastilha e duvidando da beleza de uma Macieira, não digo a que preço, eu era mais modesto e contentava-me com um cerveja de litro e um Porto, Ferreira, lembrando o célebre e para sempre maior e mais desconhecido filme, mesmo que o protagonista tenha feito escrita a partir de uma só cidade, tentação a que eu oscilo e articulo em termos da relação entre cidade e campo no sentido do bem-estar, da qualidade de vida e, conseqüentemente, felicidade. Por isso, o conceito de felicidade era como que um arpão que se liquefazia no fogo (figo) da industrialização, dir-se-ia, o que restaria desse torção mental, tal como uma psicofoda, quando tudo seria planteável enquanto não defendesse os interesses mais íntimos não digo já do indivíduo mas do sujeito? Muitos lutavam comigo, questões de concorrência, a Cristina Ferreira teria feito melhor, não faças com a tua mente o que outros fazem, parecem queijos suíços, ainda que muitos, ainda bem que sou um salazarista não assumido, como o velhote que estava na Praça da Figueira e que a esta hora devia estar já fora de mão, ou seja, debaixo do chão, coitado do homem, dizia que o único capaz de consertar isto era o senhor Salazar e nisso havia algum fundo de verdade, pelo menos foi isso o que ouvi para trás e para diante na boca das meninas loiras americanas e inglesas no aeroporto Charles de Gaullle. Por instantes, pensei: terei sido, nem que fosse por um minuto, o melhor escritor português. Mas nem sequer queria ser o melhor antropólogo, sociólogo ou filósofo. Não queria (ser) isso, porque reconheci na etologia e sociobiologia uma saída audaz e libertadora do meu sistema-modelo de pensamento. A questão da religião era uma simples maradice: esse Deus, enquanto tivesses de pau feito, podias invocá-lo em vez de fazeres a séca da ciência social...tóino. Porque um tipo como o Herman José encontra as maiores

dificuldades num tema como a religião e num tipo como o Salazar... Na vida, como em tudo, no Todo, não há uma verdade absoluta, pá, a não ser na religião, para quem a pratica, porque muitos homens e mulheres (sobretudo) se encontram estonteadas com o poder, porque abusam, como eu também abuso e abusarei se for caso disso, respeitando todavia toda a gente, porque absoluto só Deus...em nome da ciência (dos cagalhões) e o Luís XIV...mas a não esquecer o Luís Catorze e o Manuel João Vieira. Amen. Em nome de todos os dias que passei no absolutismo enternecedor e liberador da religião, a católica, desde sempre a maior de todas, porque talvez seja mais perfeita do que a protestante e a judaica e mesmo a muçulmana, porque se sabe adaptar, tarde ou cedo, à voragem do Tempo (aqui, Manuel João Vieira) e dos Tempos...Duvignaud e João Miguel Tavares...fá fá, Barata Moura e o dormente zen Manuel João Vieira e outros autores americanos que nunca pensaram que Nostradamus haveria de surgir séculos depois na nação de Viriato, séculos depois, a ponto de partir para as Américas.

A COISA ÚLTIMA DO OUTRO

Esperando, entre o banho e deixar as crostas dos pés incharem até rebentarem, um pouco parecendo Sartre e Sastre. A brasileira estava carente, a mosca voava despassarada e o seu zumbido entrava-me nos ouvidos, o que me faria pensar no teor levemente sartriano da minha obra e na necessidade de fazer umas quantas publicações de uma obra mais ou menos recente. Depois, estando na esplanada das Picoas com uma amiga a conversar, e vendo os miúdos brincar, senti saudades de ir ao Jardim do Torel ver as colocações de professores, em tempos idos, mas que me deixaram saudades imensas, aqueles tempos em que era como que um superhomem nas Olaias e no Forte da Casa. Em breve poderia rever todo esse sonho acordado que é dar aulas, e não isento de dificuldades. Sim, por estranho que me possa parecer, atraía-me muito mais o ensino secundário do que o superior, aliás, seria uma empresa bastante exigente que poderia abraçar caso me portasse bem dali a um, dois anos.

E afinal, o que estuda a filosofia? A verdade? A razão última teórica das coisas? Um modo de preparação para a morte? A meu ver, a filosofia ocupa-se da *razão última da "coisa" do Outro*, tanto em termos de volição quanto de imaginação. É, assim, a ciência altruísta por natureza, tal como a antropologia e a sociologia. Estas três ciências, actividades ou, como prefiro dizer, tarefas, formas de estar no mundo e plantear pensamentos referentes ao sujeito e ao Outro, são uma das chaves para compreender o Homem. Mas há outras ciências, como a história (e a antropologia enquanto ciência auxiliar da história, de algum modo da distribuição e organização do homem no espaço-tempo, como conclui a sociologia), a sua ciência auxiliar por excelência, a geografia humana, a paleontologia (antropologia física), a etologia, a sociobiologia, a demografia, a etnomusicologia...

Eu dizia para mim mesmo que sem dinheiro à frente não farai mais nada, mas era como que uma negação, porque eu estava sempre mais ou menos ocupado e aprendia uma forma de me tornar útil e pragmático, de tornar úteis e pragmáticos os meus tempos de interesse e o meu trabalho. Afinal de contas, estava desempregado há bastante tempo e, ainda assim, tinha feito bastantes coisas, não iria hipotecar isso em nome de um trabalho de professor para ser gozado. Na verdade, estava como o Morurinho e o Cristiano, ainda assim, havia quem fizesse comentários no café da aldeia, já se falava da avultada quantia que havia pedido a uma fundação de orientação direita para fazer um estudo sério e fundo, para além de transdisciplinar, sobre a questão da identidade nacional.

Na verdade, eu não fazia mais do que fazia o Fernando Vernâncio numa povoação de Viseu, ou seja, aprendia a apreciar a vida social local sem interferir grande coisa, pois se a antropologia não grande coisa interferia, a filosofia ainda muito menos. Num tempo em que havia mais de meia dúzia de advogados na aldeia, outros tantos nas aldeias vizinhas (a minha aldeia era uma sede de freguesia e sede de paróquia), ser antropólogo, ainda que do simbólico era por vezes chato, por isso eu gostava mais de Lisboa devido ao enchimento teórico-prático que a realidade nos presenteava e, em última instância, Londres ou Nova Iorque. Um dia, talvez não estivesse muito longe, Johannes...

POR TANTO E TÃO POUCO

Portanto, creio que é preciso odiar a filosofia para a amar. Pelo menos foi o que se foi passando comigo, perdi a noção de quase tudo e estava acompanhado dela, que era o meu pensar, essa capacidade humana de indagação que outros seres não desenvolveram ao ponto de tornar autônomo um pensamento não só da realidade, mas do "dono" desse mesmo pensamento e até do próprio pensamento. Depois, repetindo-me nos meus dias e no meu espaço de reflexão, encontrei nos meus pensamentos, a *Virgem Sem Cabeça...*

Na verdade, verdade verdadeira, o antropólogo, como o cientista social têm fundamentalmente a tarefa de tornar a vida mais interessante e digna de ser vivida. O filósofo torna vida mais intrigante, sem dúvida, mas ele se destaca do senso-comum, como o faz o antropólogo e o sociólogo, mas cabe ao escritor dar sentido onde não o existe, sobretudo ao escritor existencialista, essencialmente numa perspectiva romanceada, ou seja, como se estivesse compondo um florilégio ou a preparar um morto para ser deitado abaixo da terra. Daí toda a comoção humana. Daí a interligação entre eles todos, porque, além do mais, a literatura foi sendo considerada ciência bem antes de todas as outras. Antropocentrismo? Não, apenas constatação de que estamos sós no universo, pelo menos quando nos referimos à nossa forma de inteligência, que conhece certas e determinadas formas e configurações e, na verdade, "apenas" nos temos uns aos outros. Essa é a verdade.

Deixei a RFM e os registos mais ou menos trocistas de Eduardo Madeira, Rui Zink e do Nilton ou da Joana Lameiras. Na rádio StarPom corria a melhor música. A minha miúdo, ou o princípio dela em mim, estava silenciosa, pouco ou nada dizia. Depois de amanhã regressaria a Lisboa, a família do meu irmão viria no dia seguinte e eu saberia que no início do mês seguinte, saberia os resultados da minha candidatura a esse fundo, para o qual tinha pedido avultada quantia, talvez mais do que alguma vez o meu pai ou o português médio alguma vez ganhara na vida. E podia ser, mesmo que, antes dessa data, fosse marcada a discussão pública da minha tese. E, curiosamente e contrariando todos os prognósticos, eu estava saudavelmente bastante bem preparado...A minha saúde mental estava boa, apesar de não estar tomando Priadel, tendo consulta com a minha médica somente no mês seguinte, no início dele mesmo. As coisas levam o seu tempo, aqui em Portugal. É preciso ter paciência, aproveitar o balanço e fazer diversos projetos, nem que seja ao mesmo tempo e jogar com toda essa maneira de ser. Sentia que a minha hora estava chegando e se não chegasse, por um acidente ou hecatombe, eu fazia com que ela viesse e sentia que podia vir de enxurrada...

Muitas vezes, a ditadura do e no texto impede-te de viver a vida e, afinal, viver o texto da vida e a vida como um texto.

Estava esquecendo alguma amargura por não ter sido plenamente antropólogo e vivendo a minha vida para a frente, talvez em nome disso tudo e [del@s](#), talvez vindo a tornar-me um bom cientista social na forma de uma razoável antropólogo. Obviamente com alguns laivos de filosofia, mas ao fim e ao cabo a antropologia sempre, quase sempre, fora uma forma de filosofia e, a meu ver, a filosofia um tentâme de/da antropologia.

Deitei-me naquela noite amargurado por não ter companhia, ainda que sentisse que, à distância, Zélia estava algures na margem sul dormindo por mim, com o seu rapaz no quarto ao lado, mas por mim, pensando em mim. Eu estava em pulgas, fervendo, ainda ciente de que uma ciência como a antropologia era uma das muitas soluções para os diversos males que atormentam o Homem, como se fosse Prometeu Agrilhado, a minha preferida e sentia uma leve frustração em ver fotos de uma etnografia francesa, lembrando aqueles momentos em que os africanos me rodearam no metro, sentindo um calor humano quase indescritível, como se eu fosse transcendentemente útil para eles, um entre eles, sendo eu mesmo eles e eles eu em mim e neles.

Nesse dia, melhor, nessa noite, de verão, entre fogos e um calor intenso, quase sufocante, tive tantas ideias que não consegui escrever mais nada. Deixai-me estar na cama, deitado, obviamente, de barriga para baixo, enquanto o pequenito estava enfronhado nos jogos de guerra da net, o meu irmão -sabia-o- fazendo sempre planos sempre decidido em cumpri-los, o homem da maratona, a minha irmã na sua vida social e ainda bem, fui até lá acima, na casa principal e vi a pequenita deitada de lado com vestido de seda dormindo profundamente e os meus pais ainda bem, apesar das dificuldades que temos passado desde que me dedico com o dinheiro necessário, à filosofia antropológica, dormindo os dois, quase sumidos, na cama, com a tv ligada passando a novela "Amar depois de Amar"...

Curioso, a vi(n)da do antropólogo torna a vida mais simples, por mais estranho que possa parecer, mais *sêca*, talvez um pouco mais chata, porque toda a comunidade (se) equaciona em termos de papéis sociais e sua problematização, relatividade, portanto, uma vida certamente mais vigiada, mas que não interfere em Nada no devir da comunidade, pelo menos é assim que eu entendo o trabalho do cientista social e do antropólogo, obviamente, mas há sempre alterações, tanto na mente dele como na realidade social da comunidade. Em termos lado, a comunidade passa a ter um certo "representante" da sua identidade face a, pelo menos, um dos mundos de que é composto este imenso mundo, diria até universo, ou seja, o mundo acadêmico.

Talvez seja polémico dizer isto, mas o suicídio, deste lado do atlântico, não existe, sobretudo criminologicamente, pelo menos, também, nos termos que Camus lhe dá, ou seja, a responsabilidade da sociedade ante o indivíduo, o sujeito, o Ego, não é maior nem menor do que a que ele tem ante a sociedade. Não, não descobri a pólvora. Estou em condições de dizer, pela minha apreciação de envolvimento e estudo na filosofia, que esta e a reflexão do filósofo não é somente profilática ou apocalíptica (tal se aplica também à tarefa do antropólogo, não tanto à do sociólogo, que tem um registo mais fático), ou seja, o filósofo está à frente no Tempo ou, de outra maneira, fora dele ou até pairando, em certos casos, sobre ele. Sobre o próprio Deus? Talvez, não digo que não, sobretudo sobre a ideia de Deus, senão não daria a Si Mesmo o beneplácito (até dado, em certo sentido, pelo próprio Deus) da reflexão...

Assim, se a antropologia é corpo, a filosofia espírito, nem que seja espírito do corpo, enquanto aquela é corpo do espírito. Prefiro esta expressão no sentido não apenas cristão, mas mais vastamente religioso, às de alma e mente, uma ligada diretamente à moral outra à medicina ocidental. A meu modesto ver e parecer, o homem encaminha-se para o que Leonardo via nele mesmo, ou seja, o homem cósmico, que se relaciona (ou não) com os demais e com as forças que o abstraem da mera materialidade e, prevejo, quando o homem todo, quando todos os homens, chegarem a esse ponto de desejo (almejado nos genes do espírito mais ou menos humano) chegaremos a um ponto de zénite das relações humanas, um ponto de relação mimética com o todo (que somos e não somos), um ponto de órbita que talvez leve alguns de nós para uma colonização extra-terrestre e outros ficando neste planeta, danados por tentar viver nele, com a obrigação moral de nos entendermos uns aos outros. Poderá ser este um pressuposto de uma política mais ou menos humanista? Sim, segundo autores como Wittgenstein, Virilio, Ricoeur, Mounier, Garaudy, Maritain, entre outros...

De modo que tens muitas opções, pá, o personalismo, por exemplo, uma doutrina emanada do catolicismo francês que defende o livre-arbítrio e a liberdade individual, a livre iniciativa do sujeito, num contexto capitalista ocidental. É uma justificação para o erro do suicídio, por exemplo, quer do ponto de vista de Camus, quer do ponto de vista da actual negação do acto que, para muitos é apenas e tão somente heróico, em primeira grau e, em último grau, até altruísta. Claro que eu sei que estas questões são altamente polémicas, problemáticas, mas antes pensar que fazer, antes pensar antes de fazer. E a eutenásia? Não é a mais problemática das questões, num mundo onde se agridem os direitos humanos a toda a escala, sob as mais diversas justificações e disfarces? Eu acho que isso, enquanto o ser humano se agredir um ao outro, por vezes até pela via da justificação filosófica, isso é altamente problemático, porque eu, digo eu mesmo, não preciso de pisar o outro para me afirmar, eu aprendo com o outro, isto numa perspectiva cooperativista á lá Guterres, vamos dizê-lo abertamente, desde já e em última instância até socrática, sim, relativa aos dois

Sócrates que, por diversas vias, conheço. Haverá outros? Bem-vindos são esses homens a este mundo, porque Nostradamus só houve um. E a miúda que encontrei na expo e que estava desorientada lá encontrou o taxi para regressar a casa... Mesmo com o meu maior amigo tenho muito cuidado, sei que será um grande sociólogo, bem gostaria de lhe ligar, passar por casa dele, porque na aldeia é a única pessoa com quem posso ter certas conversas, tirando a minha mãe, espero que ele ligue, abomino-o diversas vezes, como ao Colinas, mas meia-volta vou ter com eles, como vim ter essa semana em que estava a pifar em Moscat...

Porque enquanto o filósofo está abstraído, o antropólogo está presente, em corpo e físico, psiquicamente até, porque não precisa da inspiração que o escritor tem para descrever o fenómeno humano (de Teillard de Chardin deve ler-se, em particular, *Le Phénomène Humain*), enquanto o antropólogo está entre (a)gente ele é agente de uma certa ideia de humanidade, de Homem davinciano que vem sendo sistemazada desde Rousseau e sobretudo Voltaire, em suas *Lettres Pérsannes* e sobretudo no *Emílio* (da educação), mas, a meu ver, sobremaneira no *Candide*, ou seja, nessa novela onde se desenha sob uma configuração conceptual bastante peremptória e pertinente, a resistência e a heroicidade do que é ser(-se) filósofo, ou seja, tudo suportar em nome não só da imaginação e autonomia kantiana da razão, mas também de uma certa ideia de humanidade (Malraux, *A Condição Humana*, em sentido literário, e Jacques Maritain, em *Princípios de Uma Política Humanista*), que toda a filosofia, mesmo em termos de *indirect rule*, sempre teve...bem, pelo menos até à segunda grande guerra... Para além de Rousseau, no seu *Discours sur l'Inégalité des Langues*, Herder terá colocado um tombo, um tomo, sobre toda e qualquer (origem) de uma antropologia filosófica, em *Ensaio sobre a Origem da Linguagem*, coisa que Santo António de Lisboa (*Sermão aos Peixes*) e o Padre António Vieira (em seus *Sermões*) teriam já delineado, ou seja, uma certa ideia do poder resolutivo da linguagem nos termos da guerra e dos conflitos humanos, i.e.o papel militarmente diussuasor da fala e do discurso vocabular humano como meio de contornar, evitar e prevenir conflitos entre os homens, nos mais diversos contextos da atividade humana, seja diurna seja noturna.

Eis-nos chegados a termos de Eco, de Barthes, ou seja, dos linguistas e literatos em geral, incluindo Chomski, a bem dizer orientados por uma forma discursiva de entender o mundo, muito a ponto de perceber o que se tem passado no nosso país, tanto em termos negativos quanto positivos. Porque, decidindo falar, o homem diz de sua razão, como José Sócrates, por vezes confiando em seus inimigos, que se poderão tornar seus grandes amigos, mas desafiando isso tudo, o novelo, a narrativa do que passa, acaba por favorecer os direitos das mulheres, pelos menos daquelas que gostam de ver um homem aflito.

Depois, a meio da noite, como não conseguisse dormir, reparei na minha barriga. Isto está cheio de homenzinhos verdes com os olhos em bico na vertical, procurando amar e procurando em si e nos outros engenho de o fazer, tentando recuperar um senso e sentimento anterior ao facto de criar qualquer coisa. Criar ciência social não é discurso usado nem do senso-comum, bem como a literatura e a filosofia, que por vezes até ironicamente alimenta e se confunde com o senso-comum e ainda bem. Reparei que a barriga inchava cada vez que escrevia algumas das minhas mais salientes obras, como se estivesse para parir, a pés juntos, um no Ser... eu mesmo sob outra circunstância, mais encimada, menos ensimesmada, menos plétora e preconceituosa em relação a outros que me rodeia, familiares de sangue e outros, outros que nem conhecia e que pensariam, fariam, o que eu não (o) fazia, faria, o que não nunca concebera....

Na verdade, faltavam algumas semanas até saber alguma coisa sobre um projeto teórico-prático sobre o atual estado da portugalidade, que bem poderia ser a cereja no bolo do bolo, vá-se lá ver, de toda a minha vida, a coroa dourada sobre os meus escritos, mais ou menos originais, mais ou menos concetuais. Eu estava, desde há alguns anos, não direi muitos, tirando prazer novamente da minha actividade, tanto ou mais do que quando escrevia os primeiros poemas aos dezoito anos, sob o impacto do (estudo) mundo social. Depois de alguns equívocos com o meu cunhado, a vida continuava, no dia seguinte rumaria de novo a Lisboa, aproveitando saber sofrer e saber esperar. Sim, havia enviado um texto para uma revista de filosofia espanhola, o meu irmão passara por cá com a mulher depois de ter ido buscar o seu jovem filho a Gouveia, que estava há algumas semanas num campo de trabalho. Pouco a pouco revisitava a minha vida e via qualquer coisa de luminoso nela, qualquer coisa de maravilhoso, que tinha não somente a ver com uma obsessão comigo mesmo enquanto agente de qualquer coisa, mas que tinha essencialmente a ver com a minha relação com os outros. A pouco e pouco, percebia que, finalmente, podia voltar a dar aulas, ser o professor de filosofia que sempre pretendi ser e que isso seria, de alguma forma, uma vocação, um chamamento do Deus-Sociedade, até à saciedade. Na RFM, passava "Gangs'tas Paradise" e isso dizia-me alguma coisa. Podia voltar a trabalhar...mesmo com a minha doença das cataratas a que seria brevemente operado...

Sim, estávamos num país em que poucas pessoas levavam a sério as suas mais diversas tarefas, tudo se ocupa de festivais numa solidariedade que me é bastante estranha, esquisita até. A minha irmã desconsidera-me tanto quanto os meus pais, o meu cunhado às vezes sim, às vezes não. Dá-me a ideia de que estão todos mais do que stressados, doentes, talvez muito mais do que eu alguma vez estivera. E doenças crónicas da personalidade. Eu ofereço uma ajuda e ainda me ralha, a minha mãe e a minha irmã, qualquer coisa de muito mau se passa com um país que se diverte bem perto do cemitério...a meu ver, uma irresponsabilidade que se vê, desde logo, no ensino, em que basta ter dinheiro para frequentar a faculdade, desde já.

Desde este último ano, depois do esforço de fazer uma tese absolutamente legítima e válida, compreendi o seu e o meu valor ante o que muitas das pessoas que se dizem "normais" fazem, porque ora vivem no século investindo todos os seus esforços, ora porque eu vivo (n)um tempo diferente. Fui bastante ofendido, sob os mais diversos pontos de vista, durante todo este processo. Não tive namoradinhas para me secarem as lágrimas, quer dizer, fui tendo uma ou outra, mas também não fiz grande chantagem ou finca-pé nesse aspeto. Não tive amiguinhos a dar palmadinhas nas costas. Talvez não tivesse querido nunca isso, mas tudo isto, desde há vinte anos, diz a minha mãe, tem sido um pesadelo. Querem que eu ajude, ou não querem, mas ao mesmo tempo tratam-me mal. Quem é o esquizofrénico? Não será a sociedade, que tem de rever os seus valores? Não são os miúdos o "resultado prático" de uma geração que embarcou em orgias e toda a espécie de loucuras? Como podem consertar o mal que fizeram? Será que eu patrocinei alguma coisa desse género? Não creio, muito longe disso. Porque, antes de mais, deves perguntar-te porque é que te deixam sózinho, porque é que vais perdendo os amigos e porque é que esses pretensos amigos deixam de falar contigo, te deixam só, por mais esforço que faças por os conservar. Porque é que uma mãe te diz "não eras para ter nascido" e os pais das crinaças dizem "quem dá a educação são os pais". Porque é que tudo conflui para um pai que, estando presente fisicamente, sempre esteve espiritualmente ausente. Há muitos assim, são a maioria e vão para festas, casinos e coisas do género, para não falar pior, enquanto pretensamente, mantêm as famílias. Até àquele dia eu achava que a coisa tinha graça. A partir do momento em que notei que ia ficando só. E que as pessoas inventavam todo o tipo de artimanhas verbais para não ficarem sós...

Mas eu não estava preocupado com isso, mas com mais uma noite só, enquanto dama nada dizia e eu desistira de puxar por ela...

Sinceramente, em França, Paris, mais exactamente, já teria feito o pós-doutoramento, enquanto aqui, enquanto a maior parte andavam a curata velocidade, eu estava chegando à meta, só. Depois, concluí, até os meus podiam ter vergonha de mim, podia dizer-se disso. Mas eu, em minhas aventuras e desventuras, não tinha vergonha deles, porque os amava mais do que eles a mim. Mas tinha vergonha de muitos outros, que dizem que trabalham quando só empatam, não sabem formular um problema e arriscarem-se ao ridículo, simplesmente não sabem. Eu, logo eu, o que "não ter nascido"...grande ironia, estava retido naquela aldeia, sujeito à paciência de uma noite sem nada senão os meus pensamentos, sentimentos e esperança para estar na cidade, onde as coisas se poderiam complicar de novo mais uma vez, disso não tinha ilusões...

Nisto, o meu pai não esboçara um único gesto para me ajudar, nem o meu irmão, que me dava dinheiro quase obrigado por mim e a minha irmã sob o maior coro de protestos, talvez devido à doença que tinha desde criança... Depois, com o projecto, tudo se complicava de novo, achavam que eu iria ficar milionário e não daria conta de nada a ninguém...apenas para gastar o dinheiro. Era difícil viver nesses tempos e manter a esperança...

POR CAUSA DISTO E DAQUILO

Por isto e por outras razão não levava muito a sério a tarefa educativa o pensar o país. Por isso escolhi a filosofia, talvez para obter o refúgio de um mundo que nada me dizia. Além do mais, mulheres?...nem as ver... Sim, finalmente acho que encontrei uma nova realidade para além daquela que me foi dada. Noutros tempos, tinha vontade de fugir. Agora já não.

Por vezes, ponho-me a pensar: o que teria acontecido se não tivesse nascido? Sim, certamente a mim não me aconteceria nada, ou o Nada aconteceria, porque, simplesmente, o meu Ser não seria dotado de existência, de *é*, de *halo*, de espírito, de *hau*. Se o Outro não tivesse recebido a minha existência, eu certamente não era nada, pelo que sou Nada sem o Outro, digamos assim. Mas, se não tivesse sido concebido? Se não tivesse existido? De algum modo, a consciência da minha existência, que advém do Existido, teria tido ou não algum impacto. E se não tivesse existido, insistido? Teria alguma consciência da minha existência? E a consciência tem a ver com a existência? Não se pode ter consciência além e aquém da existência? Esta é de veras uma questão existencial. Assim, também a antropologia é toda uma pro-tensão para o Outro, porque o sujeito tende para o outro, para a exterioridade e não para si mesmo, isto apenas em termos da sua relação com o Outro...

OUTRO DIA, A PAZ,
DENTRO DE UM ESPÍRITO

Deixei de ser um delator e de pensar por mim próprio, finalmente estava numa paz de espírito suficiente para perceber porque é que a professora havia recusado a minha tese. Provavelmente, todo o departamento estaria contra mim e o meu sonho de ser professor teria ido por água abaixo, eu iria com essa água. Vi umas marcas interessantes no respiradouro do WC e supus que teriam lá apagado cigarros ou era merda que vinha de cima. Como costume, segui o exemplo do meu pai para não me preocupar demasiado com essas coisas, mas quase tinha a certeza que iam a minha casa quando eu lá não estava, para troçar, talvez alguém a quem a polícia teria dado a chave, por aqui costumam fazer dessas coisas. Seja como for, estava sentido qualquer coisa como uma certa América dentro do meu espírito, talvez da América do Sul, pois estive por um fio o meu engate de uma moça nesse dia. Percebi que o escritor tem vários caminhos no seu comando, como o jornalista, e tal se aplica, com maior ou menor grau, a todas as profissões, até ao padeiro. Há gente para todos os tamanhos e feitios, e o carácter também se avalia por isso. Há escritores, como Nietzsche e Kierkegaard, que pensam pela própria cabeça, e em certa medida são vítimas dessa sua liberdade, havendo uma quota de responsabilidade em tudo isso. Há outros, que simplesmente viajam, andam inquietos de um lado para o outro, a maior parte deles nunca assenta devidamente em termos afectivos, outros rendem-se a uma vida simples e deixam a filosofia germinar no seio do seu espírito; outros armam-se em paladinos de alguma coisa, quando vai-se a ver e não defendem coisa nenhuma senão o seu Ego... Outros mudam de profissão, procurando sempre uma justificação para tudo e mais alguma coisa na sua verborreia mal fundamentada. Mas há um Magalhães, um Giordano Bruno, um Da Vinci, um Galileu, todos, escritores ou não, têm o seu estilo, de uma maneira ou de outra. E é, essencialmente o estilo que marca e assinala a qualidade de cada profissão, seja ela, o modo como se diz e não somente o

que se diz. Isso é filosofia. Mas...falando filosoficamente, será que a pessoa é o que pensa? Será que ela é o que faz, o resultado do seu comportamento? Não haverá qualquer coisa de Bom, de Bem, até no Mal? Acredito que sim e não sou advogado. Creio que o homem, na maior parte das vezes, procura escape ora na religião pura ou numa outra do corpo *-mens sana in corpore sano-* e vejo na minha aflição existencial e mais ou menos filosófica apenas uma oportunidade para ser melhor e me deixarem de chatear, sim, como se fosse um delator, porque o Outro também é um Inferno, diria Dante ou os meus inimigos, os tipos que todos os dias congeminam tricas contra mim, quando tu pensas que ages bem, sendo mal ou bem educado, há sempre uma mónada que vem chocar contra ti, isto até nas prisões, conventos e manicómios. O resultado de muito e excesso capitalismo é uma doença igual à do zen, do veganismo, no limite, da mentalidade ecológica. A Terra, a Mãe Terra, tudo sabe compor a seu direito e bel-prazer e ela se encarrega de limpar a merda que a maior parte do humano faz assobiando para o lado como se não fosse seu Dono. Numa palavra, a Terra é, a meu ver, uma Casa. Em casa afz-se tudo o que se quer, o que não se quer e se não estamos bem em casa, vamos para a rua, na verdade acho o excesso de polidez e boa educação bastante enervante, coisa que não vejo, por exemplo, no francês. Quando tem a dizer, diz, *va-te faire en cüller...*

FUNDAMENTOS QUASE REAIS

Numa casa. O mais complicado é o telhado e as várias escadas, mas também os fundamentos precisam essencialmente de bastante esforço de atenção. Por isso, aqueles que pensam demasiado em Deus e na religião são uns cabeças no ar. Podem estar sujos fisicamente, moralmente, mas dizem que estão sempre bem, safos, porque têm um Deus que por eles vela. Há gente que vive da arte, outra não, outra procura ter sempre razão. Os políticos, os filósofos, os engenheiros, uma vida assente sempre na razão, mas não vêm o outro lado de si mesmos, porque estão, *au-delà* do Quixote, preocupados apenas com os fundamentos. Assim eram os dias de um emigrante português em Lisboa pensando que estaria em Paris ou Valence...

Tanto o adulto quanto a criança estão sempre a aprender e é talvez essa sede e fome tanto do novo quanto da aprendizagem que nos leva mais adiante e que antevê e anula pensamentos negativos em relação a nós mesmos. Está no nosso sangue sermos descobridores, não é uma questão nem histórica nem cultural, é antes de mais genética, nisso estava errado, ou seja, o nosso ADN é do tipo exteriorizante, poderia dizer, ou seja, pelo caldeamento histórico-cultural de séculos se "formou" um certo carácter que resultou no povo e nação que somos, ora essa. Outros povos e nações poderão dizer o mesmo, olha, antes de mais os americanos, russos, chineses, brasileiros, japoneses, esse sim, chegou a hora de serem eles a descobrirem o mundo. Respeitinho é muito bonito...

DESPEJADO

A pouco e pouco perdia o gosto de escrever, não creio que io viesse a ganhar muito mais adiante, escritor anda sempre teso, nesse dia apenas saí à rua para levantar dinheiro e colocar lixo, fiz limpeza à casa e telefonei aos meus, via TV, tudo me parecia perigoso, danoso, tóxico, ainda que tivesse tomado dois comprimidos de Olanzapina, vinte miligramas, não tomando Priadel há duas semanas e tendo-se acabado no dia anterior a Paroxetiona... Depois, acabei por perceber que estava conquistando alguma coisa, mas não descansaria enquanto não tivesse o canudo na mão, São Tomás, fazes o que ele diz não fazes o que ele faz. Depois, além disto, o meu pai havia-me despejado de Riachos, o Riachos fictício, o meu, e eu deixei de sonhar, passei a encarar a profissão de professor em particular e algumas outras, mais ou menos conhecidas, pelo bias da saúde, coisa de que eu não tinha cuidado muito bem no último ano, desde já e nos três ou quatro últimos anos, desde sempre...

Depois, percebi qual o meu destino: esperar pela brasileña que tinha estado comigo um m-es, esperar pela sua dôce nêspira, casar com ela, ficar com ela pra (o meu) sempre.... Viva a arte!

NYC NUM SÓ DIA OU ALGO COMO ISSO

Cada vez mais custava a prosa, estava entabulado com os meus neurónios, como se fossem indivíduos, mónadas dentro do meu corpo, do meu espírito, entranhados como o escaravelho de Kafka. Mais tarde vai haver muita prostituição, depois desta época de privação, o ser humano é assim, mais porco do que os porcos, que nadam na merda deles e nem sequer falam. Depois, o facto de haver pessoas como eu, tão inteligentes ou tão burras quanto eu, só me dava coragem e alento, só me devia a acreditar num blá-blá qualquer ecológico, ou seja, numa plena reforma ao ar livre, pescando pargos ou até no lago onde Calíope imperava sob o jardim onde a minha mão se movimentava vezes sem conta, em dar que fazia a rotação da terra com seus movimentos, a meio da tarde, ao entardecer, logo pela manhã, mudando as plantas de sítio, ante o olhar esquivo dos tentilhões e canários, enquanto o vizinho deitava a sua criança e se deitava ao lado de uma mulher quase criança como ele. E eu, dentro do casulo da Casa do Jardim, ardia por dentro e ia deitar-me sózinho, cada um faz a cama com que se deita, dizia um velho sábio alentejano. Mesmo assim, a pressão da sociedade para, por exemplo, as pessoas assumirem as suas opções sexuais tem muito a ver com uma ideia de sociedade perfeitamente errada e anquilozada, que se baseia essencialmente no marxismo cultural e num certo espírito liberal da forma de conduzir a vida. O sexo tornou-se patente, como tudo o resto, muitos e muitas foram obrigados a assumir identidades sexuais que não queriam assumir, só para conseguirem capital e representação social, poder, como uma forma de reivindicar direitos, liberdades e garantias. É aí que eu penso que está errado, ou seja, seja porque a minha opção sexual não a quero partilhar e, depois, o meu corpo não pertence nem a Deus nem à sociedade, é meu e se é moda assumir alguma coisa, eu não assumo nada que seja evidente, porque se perde o brilho e a vantagem, o mistério, o enigma das relações e se transforma-se em algo execrável, público. Por isso muita gente anda não só atónita, mas maluca. Porque assumem demais e depois não conseguem

cumprir, seja porque orientação fora, hetero ou homo. Essa coisa dos direitos, das discriminações tem a ver, também, com tirar vantagens de umas certas formas de vitimização e da ideia muito corrente que se pode fazer tudo em democracia. O que, a meu ver, está errado. Essa coisa da rabechisse tem a ver com o fato de eu me abaixar, dar o próio par aum tipo de algum poder, para uma certa forma de poder, de modo a cosnequir qualquer coisa a partir d euma situação predominante face a mim. A maior dos panascas são assim, uns aproveitadores. Eu sempre gostei da amêijoa e não são as vezes que limpo o próio que me vão elibar da matemática das gajas... Sim, fazia oito meses que não havia estado com mulher alguma, em nome ou desnome da afectividade face às mulheres e à capitalidade contabilística delas mesmas, por vezes sentia-me só, inundado de uma multidão de pessoas e por vezes assinalava um certo desprezo e raiva por me deixarem só, doía-me bastante a cabeça, mas eu continuava, ora fumando, ora não e a jovem que conhecera no anto anterior, Maria Casta, voltara a entrar em contato comigo...

MAIS NEUROPSICOSE

Quando perdi o sinal de TV percebi que eu é que estava certo e os outros, na sua maior parte, errados. Mais um bloqueio, devido a imensas ideias, por tudo saber, porque tudo me diz respeito. Enquanto isso, chateio o meu irmão para me ajudar. Ainda espero o resultado da tese, sem TV, nem Internet, apenas com rádio e os meus cd's. Vou até ao aeroporto falar com alguém, beber um café, em vez de estar em casa matutando. Assim evolvo, nesta psicótica vida da cidade, entre uns e outros, entre o sujo e o limpo, entre a sanidade e a loucura, procurando defender-me das mais diversas vergastadas, procurando acabar este livro, lembrando-me das mais diversas coisas, para que não, apenas e só isso, sem algum juízo moral, não fiquem esquecidas... Isto chega a um ponto em que é complicado ficar sózinho. A bandeira desapareceu da janela, ou caiu ou entraram em casa enquanto eu não estava e a tiraram, suspeito número um o vizinho, suspeito número dois, a polícia ou a tipa que estive cá há alguns meses atrás. Os cobardes são premiados, os revolucionários não são compreendidos pelo povo e são enxutados pelos poderosos. Ainda assim, conseguia, com ou sem vozes na minha consciência, ter um sentido otimista da vida. Puxa!, havia conquistado tanto! Nem me queria agarrar a isso e fugia de me transformar num bode expiatório, como muitos, nas várias histórias dos acontecimentos mais ou menos humanos. A ideia de alugar de novo o quarto pequeno ganhou ponto quando percebi que os meus irmãos não me poderiam ajudar mais, pela que havia nesses dias um esforço de articulação entre teoria e prática. Sim, a minha vida era demasiado banal, por vezes belamente triste ou tristemente bela, que na maior parte do tempo eu fugia para a frente e lá chegado, encontrava-me apenas a mim mesmo, feliz, necessitando sobretudo de uma actividade relativamente rentável, que me desviasse ou amenizasse a relação com os livros e as ideias, mais ou menos patológicas. Em breves semanas, teríamos eleições legislativas no país, iam aparecendo novos partidos, novos movimentos e poucas notícias eu tinha do Volt, do Livre, do PAN, movimentos-partidos a que estava até ideologicamente associado. Há

já muito que deixara de ser Bloco, mas ainda lá tinha amigos, bem como no CDS e...pasmem-se, até nos Monárquicos e na Aliança.. Procurava não capitalizar grande coisa simbólica ou materialmente, vivia com os vitne euros que os meus irmãos me davam e ainda a minha irmã pagava as contas de casa. O meu pai dissera-me para nunca mais lá aparecer, em casa, onde tinha vivido a minha infância e grande parte da idade adulta, repartidamente com Lisboa. Na verdade, a minha mente era um pedaço de giz num qualquer comboio entre Lisboa e Coimbra...eu sentia isso, que o meu cérebro se havia espartilhado e não fora só a tese, mas eu tentava recompôr-me e não instilar no meu cérebro chavões, pois sabia que haveria outros melhores do que eu, na verdade, verdadeira talvez tivesse apenas mau perder... Mesmo correndo o risco de ser novamente insultado pelo meu pai, apetecia-me estar de novo em Riachos e andar por lá, de um lado para o outro, muitos pensando que eu teria feito grandes coisas, outros nada, mas é sempre assim, nem Cristo havia agradado a toda a gente, com ou sem discípulos e eu, pelo mesmo lado, fugia de ser profeta de alguma coisa pois acreditava que há tipos bem mais dotados do que eu, para funções várias, seja do corpo seja da mente, por isso fui andando em *low profile*, sabendo o que teria acontecido com o Victor e outros amigos meus, talvez, em certo sentido tivessem sido mais valentes e corajosos, tivesse desafiado mais a realidade, social, familiar e tendo pago por isso um preço para o qual eu pouco me via merecedor ou afoito, dado que a minha estratégia básica era fazer sentido das coisas e das relações entre coisas, pessoas, ideias, mesmo que fosse obcecado por isso, mesmo que muitos me tivessem raiva e ódio por pensarem que me julgassem como uma espécie de Rei o pária que eu recusava ser. Um homem não é o que pensa, como acreditam muitos filósofos, não é o que fala ou o modo como se relaciona, ele é uma qualquer afasia numca carruagem vazia onde estão as vozes para te chatearem... É cada tótiço que se apanha, ora a tarefa da educação está bem ingrata, seja porque alguns jovens insistem na regra da transgressão para obterem o que querem, tomando ao seu serviço e bel-prazer e seu extremo capricho os mais velhos, aos pontapés, com violência verbal e física, por famílias desgarradas (a importância da família e das tensões nela consistentes), pelo

que a tarefa do professor nos tempos que correm, do bom professor, é extremamente ingrata, mal paga ter de ser ao mesmo tempo pai, mãe, psicólogo, num quadro em que, por outro lado eles estão como que constantemente "ligados à máquina", ou seja, o mundo real, a concepção de real, alterou-se e passa a ser perigosamente virtual-real, desencadeando-se facilmente conflitos, não apenas familiares, mas latamente sociais, nos mais diversos contextos do actor social.

CRÍTICA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

O ESPALHAMENTO

Já te falei da minha mãe, aquela senhora, bela de espírito e fisionomia, casada com um beirão filho de um resineiro, homem de muito boa conta, que teve nove filhos e cuja mulher morreu cedo? Foi para França na década de sessenta e o meu pai também, muitos falam das guerras de África, poucos dos portugueses que foram para França para trabalharem no táxi e na construção, especialmente no anos sessenta. E porque é que eu não vou também? Porque insisto em Lisboa e numa América que faz do esquecimento a sua memória e da psicose coletiva uma patética forma de Ser humano? Não posso dizer estas coisas? Fiz duas ou três tentativas de ir para lá e não consegui, agora não depende de mim, não sei porquê nada de especial faria lá, acho que até ficava mais doente...

Sim, a vida social está desregulada, há muito que não falo de um cientista social, claro que esses homens e mulheres são visados, ainda há pouco uma jovem me salvou de um atropelamento eminente na Expo. Naquele dia, a meio da semana, pouco mais iria acontecer, gastara dez euros para comer e beber qualquer coisa, comprei um maço de tabaco e deixei-me estar por casa, à espera e trabalhando em novas ideias. Sim, o português espalha muito; mas o brasileiro mais ainda, o africano também, eu não tenho nada contra isso, até tenho contra a maioria dos povos de Leste, que guardam tudo o que se passa com a sua vida, incluindo chineses e hindus. Digo isto como antropólogo, claro que também no reino vegetal há plantas mais abertas do que outras, com mais ou menos bela flor; também os animais são de vários tipos, desde carnívoros a herbívoros, uns têm mais prática social do que outros. Descobria, nesses dias, uma forma de me adaptar sem prejudicar grande ou danosamente alguém, sabendo-me dependente de algumas pessoas e arriscava menos, deixava-me estar em casa com um certo medo, talvez lutando menos, eivado de uma espécie de resignação, como se alguém me devesse alguma coisa, coisa que eu procurava esquecer, porque era passado e não queria que esse meu passado fizesse parte do meu quotidiano,

presente ou futuro...

Mesmo não sendo conhecedor profundo de Jung, ou Freud, entrei naquele dia no Reino do Inconsciente Coletivo, quando estava deitado e acordei sobressaltado pelo vizinho a correr escadas abaixo. Isto não leva a lugar algum, mas eu, nesses momentos, apercebi-me que levava e ora fazia déjà-vus os mais diversos, ora, para me ajudar, remissões a um passado que enfrentava na solidão da escrita, desde há praticamente cinco anos. Poulain não dava sinal de vida e ainda por cima havia ficado com as chaves de casa. O que vi nesse inconsciente colectivo fora a morte da minha mãe e todas as injustiças de que fui sendo alvo, sendo constantemente obrigado a deslocar-me do registo da minha doença, que muitas vezes me protege, para fora dele, para fora da caixa, como se diz. A morte do meu pai não me preocupa, sei que ele está magoado comigo mas que me guarda rancor, incluindo a possibilidade de uma continuação por lá. Por isso, deixo-me estar e não faço ondas. Deixo-me estar porque não quero tudo, especialmente o que os outros têm, tão pouco as suas mulheres...

Eu até me sentia bem, nesse fora-do-Eu (Ego), no Reino do Id, mas aí perdia (ou ganhava) toda a minha subjectiva objectividade e procurava não me queixar e fazendo até telepatia social com alguém que me chamasse para provas públicas da minha tese, podendo vir, segundo a rádio, a ser professor de uma ou outra coisa. Mas isso não me confundia em nada, sabia que há bastante tempo estava fora-de-mão em certas matérias e seria complicado recuperar um estado de saúde que permitisse, no mínimo, dar aulas no liceu ou secundário. Depois, reparei, por advertência dos meus, que estava sempre mudando de telefone e isso fazia de mim uma pessoa quase invisível socialmente. Há quatro dias que estava sem TV, a internet era rara e escassa, embora tivesse algum saldo, ora era simpático ora agressivo, mas cria absolutamente que me estava portando, para quem está só, da melhor maneira como podia e como convinha e não sei bem que coisa... esse Reino, enquanto via passar duas mórmones portuguesas, era o reino da língua, da linguagem, ou seja, de certa maneira estávamos presos a isso (com a ideia de que os loucos e criminosos são os que estão loucos, de certa maneira escudando-se na lei, seja civil seja religiosa) e com toda a atenção

protectora disso, na verdade, isso podia ser a felicidade, no meio da segurança o êxtase, o devaneio de não termos uma liberdade livre como, por exemplo, na América, na Austrália, na maioria dos países da Europa do Norte. Sabia qual o meu destino: estar ali, de um lado para o outro, até que me chegasse uma ou outra notícia animadora, muitas vezes com fome, algumas vezes fumando as pirisgas retiradas do lixo, muitas vezes confundido com as vozes que eram para mim reais ou apenas o simples transvase delas no meu espírito...

ABSORVER E INTERIORIZAR A FALSA FALÁCIA

O essencial da agressão, no nosso reino verbal e física, é ferir. Isso é muito primário, apoiar-se no Outro para lhe ganhar vantagem. Estávamos em tempos desordenados, em que uns escrevia o que lhe bem apetecia num certo nicho em que nadava a inspiração mais ou menos poética ou rabecha, enquanto outros escolhiam-se e nada lhes era permitido dizer, estando uns e outros dependentes de uns e outros. Essa dependência por vezes chocava, sufocava, ora porque uns se sentiam só, ora porque outros comiam demais. O que era, então, ma Vida, nesses tempos? Adpatação...aliada à ligeireza do pensar e do sentir, enquanto para outros, que andavam em linha reta, lhes custava manterem emprego e mulher. Bruxo, bode expiatório ou tudo e mais alguma coisa, além de queimado, eu esqueçera certos personagens e desde há cinco meses que não ia para o lado das universidades. Estava cansado de estar só, escrevendo para um quadro negro em branco, sem alunos nas secretária, menos do que Hegel, menos do que Schopenhauer. O maior, diziam alguns. Bem humildemente, procurava no Si os personagens-Outros.... Sim, a maioria dos portugueses é mais sensível do que os franceses e espanhóis, para além de serem invejosos, mas os loiros são mais invejosos e cientes de si mesmo, enquanto muitas das vezes que mais partilha são os africanos e os brasileiros, até os ucranianos, pasme-se, porque têm pouco e quem administra pouco não quer chatices. Por exemplo, o tipo de cima julga-se grande coisa, acabou de arrear o calhau e reverberou logo uma maledicência para o tipo que está por baixo, que por acaso sou eu, isso diz tudo do tipo de pessoa que é, o Tobias, esse desmiolado que tem os neuróticos nos pêlos do cú e que quanto tem coçeira sabe-lhe melhor revirar os olhos do gay que é, embora estando casado e tendo ujm filho, porque lhe morde como a mosca na merda.... Então, depois disso, fiquei fumando e pensando nos tempos de felcidade no seminário, na tentação de querer agradar a toda a gente e nos inimigos que arranjamos com isso, fiquei pensando no pequeno rádio que levávamos para o quarto,

mesmos empre proibido, no Batista e no Carril, fiquei pensando que a felicidade tem, por vezes, maior incoiente do que a melancolia, ora seja porque nos relaciona demais, ora seja porque nos relaciona de menos. E todo aquele que puxa o senso-comum para cima é sempre bem mais criticado do que o intelectual puro ou o brejeiro puro, porque se envolve com a gente, como María Zambrano. Fiquei pensando no refúgio que a minha casa era das coisas do mundo, dos falatórios e dos tipos que falam e falam, que só espalham e não sabem guardar nada para si. Depois, fiquei pensando, no alvor, consciência interna do tempo e sua explosão (Onfray), fiquei pensando no radiozito russo e no meu pequeno sobrinho, que também, geracionalmente falando, enquanto eu lia o Tio Patinhas ele as coisas da net, vídeos e tudo e mais alguma coisa, como a pequenita e fiquei parvo comigo mesmo olhando vezes sem conta o telemóvel e a imagem dele nele refletida. Fiquei pensando nos jogos da bola, no chuchú que plantei com a ajuda do Professor Pascoal, no silêncio que eu tinha todos esses dias, para além de solidão e na chuva de críticas que vinham de todo o lado, desde já continuamente dos tipos que estavam trabalhando no rés-do-chão que se revezavam em ofensas, críticas e comentários... Fiquei pensando nos ciprestes, que eram iguais ao da Escola de Pombais, nos morcejos que por lá andavam nos dias em que eu vivia paredes-meias com essa escola e acabei por obviamente a destestar, d etanto amar, tendo d eme mudar para outros lugar. Andei sempre *mudado*, desloquei-me sempre de um lado para o outro, mesmo em Lisboa, com mais ou menos inspiração, mais ou menos pro-tensão e produtividade. Aqueles dias em Lisboa eram absolutamente paranóicos, eu não conseguia facilmente encontrar alguém com quem falasse, até parecia uma coisa kafkiana, no mínimo, e do tipo Hamsun ou coisa do género. Aprendera, contudo, a dar importância ao que pensava e sentia e pela primeira vez em anos sentia-me adaptado, embora as pessoas falassem de mim, mais mal do que bem, andando (eu) de um lado para o outro e é óbvio que a muitas lhes irritava ver um escritor à solta, um observador das coisas e das pessoas, porque na verdade, não havia verdadeira liberdade de expressão naqueles tempos, sobretudo para a minha heterossexualidade, vamos pôr as coisas nesses termos. Para não falar mais. Enquanto

a maioria não fazia outra coisa senão pôr correntes legais uns aos outros, implicarem-se uns com os outros achando que têm sempre razão, outros, como eu, nem sequer à lei recorriam, lei moral ou civil. Como não haveria de me queixar? Na rua falava com este e aquele, a paranóia aumentava quando falava, mas fazia bem, fazia-me bem, ao menos destapava-se um panela que estava fervendo há já bastante tempo. Nesses termos, fui-me preocupando cada vez menos com os Outros, o Outro e concentrei esses esforços em Mim-Mesmo, por mais problemas que se atravessassem pelo caminho, ao menos era Eu_mesmo. "Homem, torna-te no que És!"... Assim, toda e qualquer ciência social e filosófica torna-se impossível, quer porque o senso-comum acha que se lhe estão a meter na vida, quer porque a psicologia se intromete em todos os aspectos da vida das pessoas, muitas das vezes por falta de divulgação de outras linguagens e da proliferação de uma retórica filosófica do fácil que advém de muita da sua aversão ao científico e adesão ao que é perfumado e diáfano. Como então, unir antropologia com filosofia? Apenas pela ciência que lhes está de permeio, a sociologia. Porque a a psicologia não é uma ciência humana, mas tão-somente uma actividade, mais ou menos científica, em prol do bem-estar e saúde psíquica e isso não se consegue deslindando o corpo da mente mas assumindo a figura (retórica, obviamente) do espírito, em vez da alma...E...quando perdes o medo, não vás atrás dele, vai através dele, obviamente sem o anulares, ele é útil, as coisas acontecem...

O HOMEM CÔNCAVO ACORDOU ESTUDOS SOBRE A REVOLTA

Do fundo da minha lente que é a alma, portugalidade é qualquer coisa que estou para ver, descobrir, enquanto o meu Ser se junta a qualquer coisa de Atlântico. Falo com o meu irmão; é óbvio que estou só e quanto mais me esforço mais só fico, porque na verdade nunca fui de me agbar grande coisa e agora as pessoas ficam bastante ofendidas por saber que escrevo, que tenho uma obra extensa, uma tese a defender, quando a seguinte já foi apresetada em forma de livro. Nunca escondi a minha obra nem fui ganancioso quanto a isso, bem como nunca impliquei com quem faz da prática e do senso-comum qualquer coisa que ora é preciso branquear ora adorar, como quem está no alto de Si Mesmo e distraidamente emite opiniões acerca de tudo e mais alguma coisa. Não, não tenho problema algum com a Realidade, sei muito bem o que é o que não é, nem tenho problemas com a Verdade, porque já estive mais longe de a descobrir e, assim e ainda assim nenhuma pressa tenho. Depois, resolvi descansar, vários dias depois, enquanto ligava à minha mãe e falava com o meu irmão. Nesse dia, comi uma coxa de frango e um pouco de arroz, tomei a medicação a dobrar. Continuava só e apetecia-me desistir de tudo, de fazer esta força que decerto era maior do que eu, pelo menos durante algum tempo. Depois, tomei nota de um instante com três miúdas americanas, telefonei à minha mãe, ao meu pai por causa de um telhado que se tinha de consertar por aqui, no prédio onde vivo. Sentia-me só mas não tinha pena de mim próprio. Sabia que, atleticamente, nunca haveria de desistir enquanto não tivesse o diploma nas mãos, era essa a alegria maior que tinha a dar ao meu velhote. É a Filosofia, estúpido!

PROJECTO PÁRIS

É tudo muito bonito, mas continua a ser injusto. O grau de doutoramento e pós doutoramento, o projecto Páris, já foram à vida., não estou para esperar por muito mais, tenho mais que fazer. Será mesmo? Creio que estava dando beneplácito a muitos para foderem como cães, enquanto eu permanecia só, por isso acha bem dar uma volta ao aeroporto para ver que espécie de humanos lá havia. Mesmo depois de beber dois litros de cerveja. Escaparam-me três americanas e uma inglesa, acabo por ligar tempo depois à minha mãe e mais uma e outra vez, ela acaba por me chatear porque discuti com o meu pai. Se ele soubesse quanto gosto dele! E o quanto estou disposto a dar algum sentido de continuidade face ao que ele fez. Foi isso, afinal que eu fiz, dar uma perspectiva teórica a partir de uma prática "dele", em termos bourdieunianos. Fiquei pensando nas americanas, a inglesa foi para o Algarve e cada vez mais amava este país a que cada vez mais pertencia e a minha vontade de ajudar e animar as pessoas era cada vez maior, ao mesmo tempo que o meu Ego vinha ao de cima, enquanto jogava o Benfica com o Setúbal. Sim, desejava há vários meses ter uma mulher e estava o meu caminho custando mais e mais, tendo de dar conta a uns e outros do que fazia, tardava a aplacagem do meu sentimento, enquanto ebbia uma Porta da Ravessa, em casa, às três da tarde, sem companhia, esperando alguém para o quarto como motivo de conversa. O quarto como motivo de conversa e a preparação do futuro.... E, aí, terei chegado bem perto de Proust ou Joyce, o senhor que estava na Junta depois do almoço estava ouvindo o relato, como eu, emcas, depois de ter encontrado o bracarense que esteve na prisão comigo, jogava-se a Taça de Portugal. Depois, tive imensa vontade de desaparecer, de me enfiar num buraco qualquer, ou me matar, pois não percebia porque é que as miúdas não quererem nada comigo, isto sim, era infantil, enquanto o canudo estava a caminho, depois de 49 anos, ainda que estivesse como São Tomás apóstolo, i.e., São Tomé, crer para ver, ainda que não tivesse grande esperança de vir a ser professor de Filosofia senão no ensino secundário... mas ainda assim era feliz e fumava menos... Ainda assim, pego num

cigarro, depois de um copo de cerveja, depois de me ter levantado mal disposto ouvindo as vozes dos vizinhos de um lado para o outro, coisa mais original não há, tudo a chatear o homem, enquanto vou à janela vejo o tipo do talho a pegar no telemóvel, já ontem havia discutido com a brasileira, dá-me conta que o tipo do café patrão dela quer implicar comigo, as pessoas parecem cigarras, sempre a ciliçar qualquer coisa, vou levantar dez euros ao Metro e ainda paio por lá dois minutos, ouvindo bocas de um lado para o outro entre e gente desordenada que sai e entra no metro e vem-me a imagem da minha mãe, lá, quieta no jardim, andando também de um lado para o outro, esta felicidade, mesmo depois de dormir, é uma doença. Sim, estou a ver a coisa do meu ponto de vista, subjectivo ou objectivo, não sei bem, mas...quem sou eu, afinal? Eis o lado escuro de Lisboa, sempre com conflitos, cheio de gente mesquinha e insignificante, que não tem sequer tem a noção de que vai passar por cá todo o resto da sua vida ou simplesmente não tem a noção de nada. Muitos jovens são assim, pensam que têm o poder do mundo nas mãos, à imagem de muitos políticos, jostam de jogar às escondidas, grande parte deles vindo de pequenas aldeia do interior, enquanto os de cá fazem outro tipo de porcaria, normalmente ligada aos turistas. Bebi nessa tarde dois litros de cerveja. O meu desânimo era grande, parecia passar entre os pingos da chuva do que se passava naqueles dias, não tinha pachorra, estava ansioso, não sabia o que fazer. Entretanto, o tempo passava, inexorável. Olho para o meu cabelo, bonito, grisalho, parece tecido. Acho tudo isto muito estranho, será culpa da Filosofia? Meu pai escolheu-me para me chatear. Permaneço imóvel na cama, quase atónito, pensando em como isto me foi acontecer. Com tudo isso, acho que estão a exigir demais de mim próprio nesta cidade, sem terem dado, não sei bem quem, grande coisa, talvez eu próprio embarque nessa situação e depois abusam, fazem troça. Será isto tudo o efeito Tese? Sinto que há muito que passou o tempo de ser atribuído o grau, no entanto as coisas continuam, as vozes de uma determinada maneira, a insistência em ficar em casa, a dificuldade para sair, a solidão atroz a que me entreguei escrevendo todos estes livros em tão pouco tempo...

Ao mesmo tempo, os hindús tomavam-me por fiado e eu recuperava um pouco da saúde, enquanto o chinês do mercado chinês respondeu ao meu Boa Tarde, mesmo sabendo que eu ia cumprimentando a sua mulher quase todos os dias. Lembrava-me Paris, não sabia se alguma vez regressaria a essa cidade para de certo modo aplacar uma raiva, uma menicice que tinha ainda dentro de mim mesmo. E fui aprendendo a ser prático, enquanto alugava mais uma vez o quarto e sentia que me podia autonomizar financeiramente para de certo modo continuar a fazer filosofia, enquanto bebia uma Finkbraü, uma cerveja alemã comprada no LIDL... Sabem a maior parte das pessoas o que passaram os portugueses em França? Fala-se pouco disso, tudo ruma a sul, em África fomos mandar e em França fomos servir, sortilégio das regionalidades da mente... Não comparo uma coisa com a outra, quem sou eu para fazer isso? Fiquei pensando na Filosofia Portuguesa e nos Açores enquanto ideia para pensar e relacionar os sentimentos e crescimentos da mente, fiquei pensando em Bristol e Brighton, Bergen e Dublin, e talvez fosse a Londres um destes dias, coisa que eu sempre negara porque talvez lá quisesse ir antes de Nova Iorque. Lia um pouco de alguns filósofos americanos e não esperava resultados para continuar as minhas investigações filosóficas. Em tudo isto, o Benfica vencia, com espinhas e espinhos, mas vencia, enquanto o Humfrey Bogart português discursava do alto da sua vitória pneumática... Sim, não sabia o que queria, não sabia o que fazia e ainda bem, senti-me bastante livre com isso nesses dias e estava caminhando para uma liberdade livre apoiada numa certa forma de economia doméstica e universal... sim, andei bloqueado uns dias, pensando mais ou menos em Moscat, Riachos e Nova Iorque, creio que estava cada vez mais perto o sonho ou eu dele, a minha tibia esquerda ressoava-me na mente, era qualquer coisa como um telemóvel sem bateria vibrando na minha perna direita, não sabia bem o que fazia, mas era como São Tomás, estava para ver o meu canudo na mão, não desistira de mi próprio e dos outros, do Outro que me projecta para o Si-Mesmo. Não, esta prosa nada me dizia, nem um nem outro, recebia algum dinheiro do meu irmão, que telepaticamente percebeu que eu estava fazendo alguma coisa sobre a minha própria vida, algum respeito por mim mesmo, não era fácil, mas

todos agradeçia em termos do respeito pelo espaço do Outro.... Ao mesmo tempo, pensava nos diversos actores, no Rui Mendes, no Victor Espadinha, na situação do Sporting, que ganhava em tudo menos nos seniores, desde há doze ou treze anos e acho que faria bem à saúde nacional, se é que se pode falar assim, o Sporting ser campeão....E, ainda assim, lembrava-me do padre Adelino nas aulas de *Técnicas de Tradução* e de *Francês*, falava, falava e depois adormecia e nós ficávamos calados e depois ríamos...ó Senhor Padre! Acorde! E o carril também se ria.... e as aulas de História da Música com o Padre Carlos, o carlitos, diria o Botelho, bons tempos esses, podia lá ter ficado, hoje teria uma tença e uma empregada até dez anos mais velha pra me fazer o comer...fosgase esta coisa das classes sociais....

TEMPO E FINITUDE

A vida, essencialmente, não tem sentido. Sentido pré-determinado, orientação, fado. Bebo um pouco de cerveja, como uns *cannelonis* e penso nisso, no tempo que passa, na finitude, na preparação para a morte, que me ronda como uma sombra de mim mesmo no deserto. Em casa, não tenho vontade de sair. Nado de novo de um lado para o outro, sem um motivo aparente para sair, lembro-me do Victor e penso, "ainda aqui estou", tentando seduzir alguém. E tu, leitor, imagina a solidão que tenho sentido, o pai pôe-me fora de casa, não posso ir a Riachos tão cedo, tanto livro em dois anos e ainda esperar, dia após dia, uma resolução favorável face a uma tese que deu água pela barba. Não tenho tido grande argumento para escrever, a minha vida sexual continua desarranjada. Porque tenho de dar conta de uma via, de uma vida, que é a minha, não sei se é a minha, aqui em Moscat, em nome de uma ciência que não me faz justiça, mas tudo bem, um dia, mais tarde, hei-de chegar a algum lugar...ou a lugar nenhum onde invente a re-visitação dos meus dias... Se viajas, tens argumento para a escrita, se não viajas, acabas por fazer uma filosofia restrita dos teus modos de convivência...Goolo!!! Braga!!!!

EXISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA NO VÁCUO, O ETERNO RETORNO NO MITO

Depois de um enésimo livro, continuo, entre as altímetras medidas do meu espírito e a presente ausência do meu corpo de mim mesmo e do outro, continuo qualquer coisa, entre a melancolia e a perda do Si e a mais absorta altruidade, alteridade, quero dizer, precisas de provar o que tens, o que tens de fazer. Deve haver qualquer coisa que falha, na metafísica (dos costumes) e na ordem da cinética política e do marketing, para alguma coisa se cumpra, nem que seja um desejo... Depois, pensei que estava pregando para a mortos ou, no mínimo, sonâmbulos. Muitos têm a sua dama, para deveres mais ou menos ocasionais, muitos não têm, como os padres de que fui sendo feito, de uma maneira ou de outra. Eu tenho a minha cama e gosto mais dela do que de qualquer mulher, pelo menos por enquanto. Depois, lembrei-me de um novo neologismo: metafisga. Depois, comecei a ver as coisas de outra maneira. Se há pessoas que fazem o que eu faço, isso pode ter duas vertentes, uma positiva outra negativa. A minha ação pode ou não ser condicionada com isso, até agora pouco o foi. As velhas de cima não pararam de falar de mim até agora, em que oiço um relato na Rádio Estádio. Nas minhas especulações, terei do longe como poucos dos meus contemporâneos, a risco próprio, fazendo uma metafísica muito além do momento inicial de existir e pretender, terei ido bastante além, preparando terreno para que muitos possam viver e sobreviver, disso tenho conta, mesmo a troca de muita troca, de muita desconfiança da parte daqueles que não acreditavam em mim ou, de uma forma ou de outra, me antagonizam...

A MARCA, NO CUMPRIMENT(AND)O

No outro dia, acordei com uma pancada de todo o gênero, uma ressaca que tinha a ver com o que havia bebido no dia anterior. Tomei o meu banho e ainda me achei sujo, ainda que bem vestido e penteado, bem giro, de resto. Esperei o tempo que passava de permeio até à chegada de Glória, mas à noite, que viria passar comigo a noite e que havia conhecido online... Enquanto isso, estávamos em período de eleições legislativas, o Partido Socialista ainda pode ter maioria absoluta e eu ia votar ali perto de casa. Eu podia estar a delirar, mas havia uma crítica acesa contra mim em diversos setores da vida da sociedade, mas também havia pessoas que gostavam de mim, de uma maneira ou de outra. Sim, há dias que estava quase preso em casa, saindo apenas para comprar comida e tabaco. Reparei que havia dois cubos de sabão azul na casa de banho e não me lembrava de os ter lá posto. Quem teria sido? Glória, Antenora? Patrícia? Não sabia, o certo é que tinha perdido as chaves de casa por duas ocasiões, correndo, e não as havia recuperado. Quando Glória ali esteve, ofereceu-me uma pen, se calhar foi ela que ficou com a chave, assim como quando se foi embora também levou as chaves com ela. Não sabia bem em quem votaria, talvez no RIR ou no PDR, não sabia bem. Apetecia-me ir até ao Vasco da Gama, dar uma volta, espaiar, a atmosfera erótica estava em crescendo desde o dia anterior, mas eu estava calmo, embora me doesse a cabeça. E abrisleña, não tendo dinheiro, querendo ficar com o quarto, nada a obstar, andou pela horta durante a noite, à procura da sua sexualidade, trazendo vários tomates longos, uns agriões, porque estava perto do rio, uns cogumelos, umas ervas quaisquer, não posso esquecer essa tentativa de ser mulher, coisa que desejo ser e que nunca serei porque sou homem...Pensei vezes sem conta ser professor na FCSH ou na Clássica, talvez isso aconteça um dia, bastava repisar territórios que já tenho pisado desde 89, mas se ficasse pelos meus livros já não seria mau, afinal, talvez não tivesse assim tantos amigos e nem estivesse assim tão preocupado com isso para exprimir a minha subjecta individualidade...Mesmo assim, deixava a minha marca por onde passava...

Antes de sair de casa, da casa de Riachos, fui ainda ao armazém e lá cumprimentei o vizinho com quem tinha tido uma alteração mais ou menos diversa, mais ou menos circunstancial, o meu pai faz destas coisas, vai para os copos e não se preocupa connosco, sempre foi assim, há muitos como ele, nunca se preocupou com nada do que nos diz respeito, eu falo por mim, porque nunca senti essa preocupação, fui à Grécia e voltei e nem uma palavra, sempre estive metido nas coisas deles e nunca deu cavaco aos filhos, pelo menos a mim, inclusivé a minha mãe me disse que nunca devia ter nascido, é assim e depois diz para nunca lá mais aparecer. Esse jovem aparece com um olho azul, manchado de sangue seco, recalçado, alguém lhe bateu, ou meteu-se nalguma confusão, desde há tempos que aquele cantinho nunca mais teve sossego e creio que é tudo culpa da merda do porno. Não é fácil investir nas relações clássicas, isso é coisa que aparece cada vez menos, exige talvez um vínculo, quase anal, a outro, a outros, uma ligação umbilical que ao mesmo tempo nos inclui no magma do social e nos abstrai dele. Ao mesmo tempo, nos meus dias, interrogava-me se estava bem ali, adstrito a um bairro em que recebia tudo e a simpatia era bastante escondida, como se todos estivessem fazendo rolar uma peça tragico-cómica, parecia eu contra todos, em nome da literatura, onde é que já ia isso? Levante-me, a luz lá fora, por detrás da casa e pela frente, irrompia, jeitosa, merecedora de mim, alguma alegria havia no meu espírito, fumei um cigarro, depois outros, mesmo no WC, mas voltei à cama, até pouco depois do meio dia, desliguei o rádio e fiquei ouvindo os vizinhos que preparavam um churrasco. Um sentimento de cansaço mental descia sobre a minha cabeça como um manto negro, coisa do fado ou coisa assim e perguntei-me "o que teria feito para receber tal sina?" Dormia o que se parecia a uma sesta e nada corria bem, não tinha vontade de estar em casa nem de sair, andava de um lado para o outro procurando que fazer, o que faazer, sem fazer absolutamente quase nada, nem vontade tinha para ler, apenas teria alguma coragem para embarcar no tempo que passava até receber a pensão e esperar vir a comprar umas prateleiras mais para o quarto que desta vez estava vazio e plenamente iluminado todo o santo dia. Glória não aparecera na noite anterior, talvez a tivesse esquecido para sempre. Eu mantinha-

me no discurso de alguma sobrançeria, na Estação CP de Leiria, e isso permitia-me ter algum prestígio social, mas de certo modo estava esquecido e não apenas por mudar constantemente de número de telefone, o que fazia de mim uma pessoa quase incontactável, embora saísse à rua, não encontrando todavia alguém conhecido. Em duas semanas, desde que o meu pai me dissera para nunca lá mais apaarecer, deixara de ter TV e a net nem todo o dia a tinha, teria de estar sempre a mudar de cartão entre o modem de banda larga e o telemóvel. Coisas pequenas, talvez picuinhas, mas era a minha vida, andando de um lado para o outro, quase paranóico, sobretudo entre as três e as quatro da tarde, uma remissão ao sono REM entre as quatro e cinco da manhã... Quando acaordava, logo ouvia, especialmente na casa de banho, as vozes críticas dos outros, que observavam o que eu fazia, como se estivessem realmente dentro de casa, perto de mim, umas vezes eram vozes, realmente, ou seja, invenção da minha cabeça, mas nas outras vezes eram realmente pessoas falando de mim, incluindo a vizinha de cima, que não se calava e se eu ficasse muito tempo em casa saltava-me a tampa vezes sem conta e nada podia fazer. Estava como que amarrado, preso nos pensamentos, à espera que o tempo passasse. Mas...que poderia fazer eu senão continuar a viver, mesmo andando de um lado para o outro, tentando ligar a televisão, abrindo um ou outro livro, registando coisas e pensamentos no caderno à mão (ia no quinto) ou dando conta destre escrito, sabendo que se fosse à rua fazia-me bem, mas não conhecia ninguém com quem falar, com quem desafabar. Era um tipo sem sorte e que fazia pela vida, mas quanto mais força fazia, nada saía bem, parecia estar o meu ser sobre um manto de mágoa e remorso que nunca mais acabava, esperando receber a pensão para reglarizar a situação da TV e comprar, como disse, uma prateleira para o quarto, que não estava alugado, que me servia de espaço de respiração para a alma. Sim, porque deixei de ter espírito activo, tinha alma, tinha de ter alma para manter viva a esperança de melhores dias...

Depois, não conseguia perceber o que se tinha passado naquela rua, sempre a maior parte do tempo pacífica e tudo tinha a ver comigo e com o doutoramento. O meu pai exaltou-se por diversas vezes, enquanto a mãe estava grande parte do tempo alheia a tudo, mas lúcida e bastante consciente. Primeiro foi o casal de ucranianos, depois o outro casal que se aninhou lá com uma criança. De um momento para o outro, a Lena acabou por morrer, sim, os Ruas morreram todos, talvez faltava apenas a Dona Marina, que estava algures por Pernes. Um doutoramento em Filosofia que era muito mais do que isso, a minha bandeira ante ou representando a sociedade, de certo modo. Tínhamos saído de uma situação de "queridos" para "ferozes esfomeados" em termos sociais, um pouco como a carreira de Nelly Furtado, do convento para o cabaré, do "I'm like a Bird" para o "Maneater", que, aliás, fora um êxito dos anos oitenta ante a mão dos Hal and Oates.

Fiquei pensando no pequenito e na pequenita, alheios à violência do mundo mas brincando no meio dela, lembrando os pequenitos (alguns deles diabinhos) degustando a sua refeição na escola da Arroja, no Forte da Casa, em Leiria e na secundária de Pombal. Queria muito estar perto deles, acompanhá-los no que quer que fosse, mas tinha uma vida para viver deste lado e seria isso que iria fazer. Quanto a regressar a Riachos, onde mora a família perfeita, só quando for aplacada a ira do meu pai sobre o qual muitos pensam que tenho um complexo de Édipo, se o tenho, se alguma vez o tive, desapareceu completamente, sempre o admirei e desejei uma ou outra vez que se fosse embora para melhorar a minha situação, mas tal não foi sistemático... O tempo ia passando e eu ainda nos quintos da minha casa em Lisboa. Da parte de trás da porta, uma placa com o meu nome e o da minha irmã. Fazia suposições a todo o momento, ia às compras, relacionava as coisas, as pessoas, talvez tivesse de ser assim, talvez tivesse de mudar, gradualmente, sem sobressaltos, no fim de uma grande crise há sempre um sentimento de harmonia e paz, desaparecendo os pensamentos de corpos entrelaçados, encavalitados, encavacados. Nesse dia de véspera de eleições, fui ficando mais cansado, até perder as forças, desmaiando no chão da sala, como tantas outras vezes, há algum tempo que não tomava Quietiapina

e isso para mim era bom sinal, apetecia-me ir até à "4 de Julho, não sabia se ainda tinha vida aquele espaço, mas sentia-me tão só que só queria dormir e esquecer, levar a minha vontade para o outro dia, um após outro, até cumprir uma vida, uma determinada e precisa vida, uma existência, um desiderato que ao menos foi longe... Não com força ou violência, mas com a vida interna a ela mesma, como se fosse um fúsil, uma chama que se alimenta à medida que apanha o oxigénio do caminho.

INTERMITÊNCIAS DA VIDA

O escritor do pátio não aparecendo, fazia-me pensar que tinha ido de férias mais tempo que o previsto, pelo menos no que eu me apercebia ao correr dos dias ou teria vendido a casa. Quando estava no fundo do desespero, apareceu-me Noa, da margem sul, que me convidou a ir visitá-la um desses dias. Iria, no dia seguinte ou no dia posterior ao seguinte. Finalmente, após duas semanas sem TV, estava absolutamente farto de estar em casa e dormi um pouco, bebi cerveja, andei às voltas com um ou outro cigarro na boca, votei, fui ao supermercado, jantei a meio da tarde e voltei a dormir mais um pouco. Estava muito imóvel. Não esperes pelo que as pessoas te vão dar, pois elas dão menos importância a isso que tu dás. Não me acreditava no que me estava acontecendo, nem tão pouco no facto de estar sózinho em casa havia dias e dias, sem deslindar grandes coisas acerca dos mistérios da vida, sem arranjar miúda, já para não falar no trabalho. E como haveria eu de ter saúde para trabalhar quando estava cansadíssimo, resultado da tese e das diversas investigações que havia empreendido, tirando notas diárias no caderno e além do mais, este romance, que tinha de avançar? Quando estava navegando nas profundezas e na mais íntima consciência do meu Ser, ligou-me Lily, a mesma Lily que encontrara noutras condições e de que dei conta em alguns dos meus livros. Da parte da frente da casa, as janelas das cantoras de ópera estavam a meia-haste, a cabeçorra do psiquiatra lá estava, em frente à televisão, desta vez emsombreada por uma cortina escura, como se fosse um filme a preto e branco ou um jogo de sombras chinesas com uma grande cabeçorra na ponta da janela, a um canto, como se fosse um pirata em pleno mar, vendo-se sempre a sua sombra negra, tipo pirata das Caraíbas com a cabeçorra cheia de ideias acerca de tesouros. Então, pergunto-me ainda, depois de aturado e apurado estudo, depois de uma série de parangonas conceituais-sociais: qual será o sentido da vida, mesmo filosoficamente? Não é simplesmente viver, realizar certos ritos de passagem ou mesmo ser feliz. Não, o objectivo da vida não é a felicidade, eu direi que o sentido da vida tem a ver com uma certa "obrigação", em certo sentido, moral, ou

seja, deixar o mundo melhor do que o encontrámos, portanto, o caminho do homem, que nem sempre é progressivo, é tendencial a criar um mundo melhor, ou seja, há uma certa implicação e imbrincação social em toda esta concepção, absolutamente filosófica...